



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

STÉFANY MARQUIS DE BARROS SILVA

FLANANDO PELOS LABIRINTOS DA SAUDADE:
cotidiano, juventude e (contra) cultura em Picos nas décadas de 1960 – 1970

PICOS – PI

2015

STÉFANY MARQUIS DE BARROS SILVA

FLANANDO PELOS LABIRINTOS DA SAUDADE:
juventude, cotidiano e (contra) cultura em Picos nas décadas de 1960 – 1970

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, da Universidade Federal do
Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes
de Barros, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciado em História.

Orientador: Fábio Leonardo Castelo Branco
Brito.

PICOS – PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S5861f Silva, Stéfany Marquis de Barros.

Flanando pelos labirintos da saudade: juventude, cotidiano e (contra) cultura em Picos nas décadas de 1960-1970/ Stéfany Marquis de Barros. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (70 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Profº. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.

1. História-Contracultura
2. Cotidiano-Juventude.
3. Juventude-Comportamento. I. Título.

CDD 90



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao trinta (30) do mês de Junho de 2015, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Stéfany Marquis de Barros Silva** sob o título **Flanando pelos labirintos da saudade: cotidiano, juventude e (contra) cultura em Picos nas décadas de 1960 – 1970**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador 1 : Profª Lizianny Leal Nunes

Examinador 2: Profª Ma. Marylu Alves de Oliveira

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 30 de Junho de 2015

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 1: Lizianny Leal Nunes

Examinador (a) 2: Marylu Alves de Oliveira

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

*“É incrível a força que as coisas parecem ter
quando elas precisam acontecer!”*

Caetano Veloso

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer é tido por muitos como um dos mais difíceis, discordo, para mim está sendo um dos mais prazerosos, talvez o único inconveniente dessa etapa seja o risco de esquecer alguém injustamente. Olho para trás e um filme se projeta na minha mente, um filme cujo início se dá durante meus primeiros passos ainda cambaleantes e tímidos pelos domínios de Clio, e tem seu desfecho na corrida pelo diploma. Buscar listar os personagens principais desse filme, aqueles que mais contribuíram para que eu chegasse até aqui é um misto de prazer e receio, porém é preciso dar o play!

Agradeço primeiramente aos meus pais: Antônio e Antônia; “tia Toinha” e “tio Marquis”, por todo carinho que depositam em mim todos os dias e por nunca terem medido esforços para me dar uma boa educação. Por toda paciência que tiveram comigo ao longo dos meus 21 anos de boemia e todo o amor que despejam em mim, mesmo com meu comportamento fora dos padrões definidos e esperados (desculpem por não me desculpar por isso). Meu amor por vocês é incondicional, saibam que são minha vida, meu porto seguro, e que todas as minhas vitórias sempre foram e sempre serão dedicadas a vocês. Muito obrigada por tudo!

Ao meu (des)orientador, Fábio Leonardo, pelas seções de (des)orientação presenciais mais peculiares da História, sempre preenchidas por muitas risadas, fofocas, interrupções e até mesmo alguns direcionamentos para o trabalho, de vez em quando. Por toda disponibilidade demonstrada a qualquer hora do dia ou da noite, pelo *facebook*, *whatsapp*, sinais de fumaça, pelos corredores da UFPI, R.U., lanchonete e claro, nas salas de aula. Por todo o conhecimento transmitido, gentilmente, no grupo de estudos pro mestrado (vai dar certo!) que foram essenciais para a construção dessa pesquisa e serão para o resto da vida. Por todas as ideias, indicações de leitura e *insights* compartilhados. Por sempre me receber com um sorriso estampado e por me fazer perceber que a História é subjetiva e pode (deve) ser constituída por múltiplas sensibilidades. Por buscar inspirar e estimular pesquisas para além dos objetos de estudo tradicionais, *go, ciborgues, go!* Muito obrigada por contribuir para que minha caminhada no curso de História tenha sido *legen – wait for it – dary!*

Encontrar as palavras certas para agradecer a pessoa responsável por despertar minha paixão por História, logo no início do curso, é impossível. Essa imensa gratidão não pode ser expressa por meio de palavras, só pode ser traduzida por meio de um abraço, abraço que faço questão de dar toda vez que encontro pessoalmente com Marylu. Minha querida, muito obrigada por sempre ter sido tão atenciosa e solícita todas as vezes que lhe procurei em busca de ajuda, as primeiras leituras sobre os anos sessenta foram indicações suas e olhe só aonde

cheguei com elas, agradeço por todo esse conhecimento transmitido dentro e fora da sala de aula. Serei eternamente grata por todo carinho que sempre teve comigo, saiba que é uma das minhas maiores referências tanto de profissional, como de pessoa e que quero ser você quando crescer. Muito obrigada por tudo, Marylinda!

Ao entrar no curso, em 2011, jamais poderia imaginar que meu caminho se cruzaria com o de pessoas tão incríveis. Ao sair de Picos, ainda caloura, para o Encontro de História Oral, realizado em Teresina, tive contato com uns marginais que estavam então no 5º período do curso de História do *campus* de Teresina. Eram a marginalia 09. Essa amizade fortalecida através de conversas diárias pelas redes sociais rendeu, rende e renderá diversas histórias que serão lembradas para sempre. Muito obrigada ao meu querido Vinícius, ao Sthenio, Thyego, Priscila, Heitor, Aurora e Davi por todas as sociabilidades e conhecimentos compartilhados ao longo desses 4 anos de convivência, que venham mais bares. Agradeço duplamente ao Thyego por ter sido o elo entre mim e o Luís Filipe, através de um *tweet* no qual critiquei um dos filmes favoritos dele, não haveria melhor maneira para iniciar uma amizade tão especial quanto a minha e a desse gordo. Dentre os integrantes dessa marginalia há uma que gostaria de destacar: Gigi Leal. Minha cobrinha teresinense, muito obrigada por toda a atenção que dedicou e vem dedicando ao meu trabalho, não tenho palavras pra descrever o carinho que sinto por ti (até tenho, mas aqui não é espaço para esculhambação, *cherrie*), meu maior medo é o Instituto Butantan te levar para desenvolver algum estudo, ainda temos muitos encontros etílicos pela frente. Meus queridos, eu serei eternamente grata ao universo por essa fantástica conspiração que fez com que nossos caminhos se cruzassem.

Agradecimento mais que especial aos melhores amigos que Clio poderia ter me dado, os integrantes do meu querido Paz e Amor, grupo cuja irônica denominação é proveniente de todas as tensões e estresses compartilhados ao longo do curso que serviram apenas para o fortalecimento dessa amizade. Ao Erik, Gleicyane, Levy, Maria e Yago por toda a ajuda mútua ao longo desses quase cinco anos, por todas as noites viradas na angustiante corrida contra os prazos, por todas as alegrias, ideias e resumos compartilhados, por todas as comemorações realizadas a cada período concluído com êxito (vamos fingir que essas comemorações eram apenas no fim dos períodos e não semanalmente). Sem vocês o caminho até aqui teria sido milhões de vezes mais difícil e menos prazeroso.

A todos os professores que contribuíram para meu crescimento intelectual ao longo dessa trajetória acadêmica, em especial ao Gleison, José Lins, Johny, Agostinho, Mairton, Ana Maria Koch, Karla Ingrid e Raimundo Lima. À Cristina Varão e aos meus colegas de

curso Elierson Moura e Eveline Maria pelas fontes que me cederam e ao Lincoln Franco e a Marielly Reis pelos livros emprestados.

A todos os meus amigos que me apoiaram, me deram forças e torceram para que eu chegasse até aqui. À Jessica, por todas as conversas edificantes e *insights* compartilhados e por ser tão parte de mim que chega a ser um “heterônimo materializado” e à Olívia pelas indicações de filmes que remetessem à temática do meu trabalho. Ao Morelly, Neilton, Fernando, Fábio, Diogo, Marquinhos, Eric, Adrielle, Laís e Fernanda pelas distrações e vivências proporcionadas, vocês são responsáveis por eu ainda não ter explodido.

Aos meus entrevistados, pela disponibilidade e gentileza com que me receberam e pelos deliciosos momentos que me proporcionaram ao compartilhar suas memórias acerca da sua juventude, essenciais para a construção desse trabalho. Obrigada por fazerem parte da minha História!

Os Novos Cinquentões

Mário Prata

- Não, não se fazem mais jovens como antigamente.
- É verdade, não se fazem.
- Veja você. Você está com 54. Lembra quando você era jovem, 54 era um velhinho, não era?
- Avô, avô...
- Então. E as mulheres de 54?
- Bisavós, bisavós...
- Não exagera. Avós, também. Aliás, mulher de 40 já tava velhinha. Todas de preto. Iam à igreja. A mãe da gente tinha 40, né? Era uma santa, né? Imagina se fazia o que as de 40 fazem hoje...
- Onde é que você quer chegar?
- É que a nossa geração mudou tudo. Mudou até a velhice. A gente é de uma turma que rompeu com tudo. Esse negócio de Beatles, Rolling Stones, pílula, tropicalismo, isso fez mudar tudo.
- Prossiga.
- É que a gente mudou os velhos que a gente ia ser. Veja a sua roupa. Você está vestido igual um cara de 20, 30 anos. Você não está de terno e gravata como os cinquentões de antigamente.
- Você está justificando a nossa velhice.
- Que velhice, cara! Você hoje faz tudo que um cara de 20 faz.
- Mais ou menos, mais ou menos.
- A nível comportamental...
- A nível, cara?
- Desculpa, mas comportavelmente falando, ficou tudo igual. O cara de hoje, com 50, não se comporta mais como um cara de 50 dos anos 50. Nivelou, entendeu?
- Explica melhor.
- As meninas também. As nossas amigas de 40, por exemplo.
- Melhor não citar nomes.
- É que hoje elas fazem coisas que a gente não poderia imaginar que a mãe da gente fizesse com a idade delas. Estão todas aí, inteiraças. Liberadas, está entendendo? Mandando ver. E nós também. Fora que tem o Viagra, que – dizem, dizem – vai segurar mais pra frente.
- Você já usou?
- O quê?

- Viagra.

- O que é isso cara? Ouvi falar, ouvi falar. Mesmo porque, não se conhece ninguém no mundo que afirma que já tomou. Parece que existe um acordo lá entre eles. Ninguém conta. É de lei. Mas não desvia o assunto. Eu não estou falando no desempenho sexual. Estou falando de cabeça. Nivelou tudo. E, para sorte nossa, nivelou pra baixo. Veja a roupa do seu filho. Igual a sua. Antigamente um cara de 23 se vestia completamente diferente de um cara de 53. Ou você alguma vez viu o seu pai de tênis? (nem de pênis). Acho que até pra jogar tênis, ele devia jogar de sapato.

- Se a gente então não está velho, vai ficar velho quando?

- Pois é aí que quero chegar. Não existe mais a velhice. Nos anos 60, a gente fez tanta zorra que, sem querer, garantimos o nosso futuro sem velhice. Pode escrever aí. Não existe mais velhice.

- Ficamos imortais?

- Quase. Antigamente o sujeito começava a morrer mais cedo. Ficava uns 10, 15 anos morrendo. Agora não, ele vai ficar até os 80, 90. Daí ele fica doente e morre logo. Acabou a agonia. Pensa bem: a gente está com 50. Temos mais uns 30 pela frente. Firmes. É isso, cara: não existe mais a velhice. E fomos nós que detonamos com ela.

- Mas tem o cabelo branco, as rugas, a barriguinha...

- Detalhes, cara, detalhes. O cabelo branco, a ruga e a barriguinha, hoje em dia, são encarados como charme. Mesmo porque os cabelos não ficam mais tão brancos como nossos pais. E as rugas também. Os velhos estão cada vez com menos rugas. E pra barriguinha estão aí as academias. Tem as fórmulas.

- E isso vale também para as mulheres, né?

- Principalmente. Eu estava falando nas nossas amigas de 40. Pega as de 50. Tudo com corpinho de 30. Cabeça de 20. Tão até melhores do que nós, cara.

- Peraí, a sua namorada não tem nem 30.

- E isso me preocupa. Tem cabeça de 50. De 50 das antigas. O que serve para a nossa geração, não serve para a nova geração. Resumindo: não existe velhice para a nossa geração. A gente batalhou isso. Agora essa nova geração que vem aí vai envelhecer. Se ela quiser continuar a ser como a gente, vai acabar sendo igual aos nossos pais, como diria o grande Belchior.

- Eu não estou entendendo aonde é que você quer chegar.

- Eu quero chegar nos 90. Me passa o uísque. Me passa o fumo. Me passa o Viagra. Me passa a saudade que eu tenho dos meus 20 anos. Me passa a vida a limpo. E mete os Beatles aí na radiovitrola. *Help, please!*

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta uma viagem às décadas de 1960-70 em Picos-Piauí objetivando analisar as rupturas e as permanências observadas na estrutura da cidade, no comportamento dos sujeitos e nas produções artísticas da juventude através da influência e absorção das ideias transgressoras características desse período. Por meio do método/técnica da História Oral temática colhemos depoimentos de sujeitos históricos que vivenciaram sua juventude durante essa época, suas memórias nos permitiram captar seus sentimentos relativos à cidade presente na sua subjetividade, possibilitando a construção de uma narrativa sensível. Através do estudo das práticas cotidianas de uma parcela da juventude picoense que se encontrava inserida no universo cultural do período, buscamos discutir a inserção da cidade do interior do Piauí nesse panorama mundial.

PALAVRAS CHAVE: Cotidiano. Juventude. Comportamento. Geração. Contracultura.

ABSTRACT

This research has as propose a journey to the decades of 1960-70 in Picos – Piauí aiming analyse the ruptures and permances observed on the structure of the city, in behavior of the subjects and in the artistic productions of youth through of the influence and absorption of the transgressive ideas, characteristics of this period. By means of the method/ technique of oral thematic history we take testimonials of historical subjects that experienced their youth during the time, their memories allow us collect their feelings concerning to current city in its subjectivity, allowing the construction of a sensitive narrative. Through of study of quotidian practices of a portion of the picoense youth that were inserted in the cultural universe of the time, we seek discuss the insertion of the city on inside of the Piauí in this global scene.

KEY – WORDS: Quotidian. Youth. Behavior. Generation. Counterculture.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01	Igreja Nossa Senhora dos Remédios n década de 1960.....	19
Fotografia 02	A praça em 1960. Ao fundo, a Catedral de N. Sr. ^a dos Remédios.....	22
Fotografia 03	<i>Cine Spark</i> na década de 1960.....	25
Fotografia 04	Praça Félix Pacheco na década de 1940.....	28
Fotografia 05	<i>Cine Spark</i> na década de 1960.....	30
Fotografia 06	Praça Félix Pacheco nos anos 1960, no centro, o Abrigo.....	34
Fotografia 07	Jovens na Praça Félix Pacheco nos anos 1960.....	36
Fotografia 08	Grupo de meninas na Praça Félix Pacheco nos anos 1960.....	37
Fotografia 09	Festejos de Nossa Senhora dos Remédios na década de 1950.....	40
Fotografia 10	Grupo de jovens no Picoense Clube na década de 1970.....	43
Fotografia 11	Três jovens picoenses no Ginásio Marcos Parente, década de 1970.....	44
Fotografia 12	Jovem trajando minissaia, década de 1970.....	45
Fotografia 13	Jovem trajando uma pantalone, década de 1970.....	46
Fotografia 14	Grupo de garotos, década de 1970.....	46
Fotografia 15	Graziani Fonseca.....	47
Fotografia 16	José Domingos Varão, Edgar Varão e Antônio José Varão.....	51
Fotografia 17	O Covil.....	53
Fotografia 18	Show de Inauguração no <i>Cine Spark</i>	56
Fotografia 19	Show d'Os Rebeldes no <i>Cine Spark</i>	58
Fotografia 20	Jornal <i>Picussuruba</i> edição de 1988.....	60
Fotografia 21	Gravura de um morro representado por uma mulher nua.....	61
Fotografia 22	Artigo de Brígida Varão.....	62
Fotografia 23	Carta publicada no <i>Picussuruba</i>	63
Fotografia 24	Artigo de Fernando Varão.....	63

SUMÁRIO

ENTREGANDO A VIDA PARA NÃO MORRER DE TÉDIO: a maravilhosa utopia dos anos rebeldes	13
PONTO DE PARTIDA – A CIDADE	
NA MEMÓRIA DO PASSADO, A NOSTALGIA DO PRESENTE: práticas urbanas de lazer e espaços de sociabilidade em Picos nas décadas de 1960 e 70	18
1.1. Por uma geografia do afeto: a praça, o cinema e os circuitos de jovens.....	20
1.2. O que era sólido se estilhaça: a aventura da modernidade nos Picos mais altos do mundo.....	26
PRÓXIMA PARADA – OS SUJEITOS	
ESCALANDO PICOS DE SENSIBILIDADES: saudosismo, estética e rebeldia.....	32
2.1 Na torrente dos “anos rebeldes”.....	33
2.2 A estética de uma virada comportamental.....	38
ÚLTIMA ESTAÇÃO – AS ARTES	
ATINGINDO PICOS DE EFERVESCÊNCIA CULTURAL: a transgressão do rock e a imprensa subversiva.....	49
3.1 A festa da insignificância na casa de ilusão.....	49
3.2. Um porre de cores na espera da <i>Era de Aquarius</i>	59
DESEMBARQUE: um último abraço na geração X.....	65
FONTES E REFERÊNCIAS.....	66

Entregando a vida para não morrer de tédio: a maravilhosa utopia dos anos rebeldes

Com persistência rara, para o Brasil, 68 ainda povoa o nosso imaginário coletivo, mas não como objeto de reflexão. É uma vaga lembrança que se apresenta, ora como totem, ora como tabu: ou é a mitológica viagem de uma geração de heróis, ou a proeza irresponsável de um “bando de porraloucas”, como se dizia então. Na verdade, a aventura dessa geração não é de um folhetim capa-e-espada, mas um romance sem ficção. O melhor de seu legado não está no gesto – muitas vezes desesperado; outras, autoritário – mas na paixão com que foi à luta, dando a impressão de que estava disposta a entregar a vida para não morrer de tédio.¹

Em maio de 1968 as ruas de Paris encontravam-se preenchidas por milhares de estudantes protestando contra o conservadorismo existente no sistema educacional francês. A França estava passando por um dos maiores movimentos esquerdistas de sua história e Zuenir Ventura nos mostra o reflexo disso no panorama brasileiro da época. Com sede de liberdade e desejo de mudar os rumos da história, a geração de 68 rompeu com barreiras sociais e valores pré-estabelecidos pelas gerações anteriores. Essa juventude romântica e engajada participou da luta pelas transformações políticas e culturais com uma intensidade nunca vista antes na história da humanidade.

A geração da década de 1960 viveu o sonho de que o mundo poderia mudar para melhor, o sentimento de que uma nova era estava para despontar contagiava corações e mentes, foi uma geração que acreditou na luta política.

Foi uma década marcada pela contestação de valores comportamentais, a juventude rebelde se expressava através da moda: os homens começaram a usar cabelos compridos e as mulheres vestiam minissaias, configurando uma fuga identitária². O psicodelismo reinava na moda: as roupas possuíam coloridos fortes, cheios de flores e imagens que pareciam alucinações³. Foi a década do *boom* do feminismo, as mulheres tomavam consciência de que não eram inferiores aos homens e que deveriam ter os mesmo direitos. Exigiam liberdade para o amor, para o sexo, para determinar os rumos de sua própria vida. Foi a década do rock rebelde, onde os jovens usavam a música para expressar sua revolta. Foi a década do Festival de Woodstock, do amor livre e da libertação sexual. As pílulas anticoncepcionais passaram a ser vendidas livremente nas farmácias, o que contribuiu para o novo comportamento, exigir

¹ VENTURA, Zuenir. **1968-** O ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. P. 6.

² CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria:** Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

³ FARIAS, Maria Luzia Almeida. **O Design de uma Geração:** Jovem e moda na revista Cláudia nos anos 1960/70. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Anhembi Morumbi: São Paulo, 2011.

que uma moça casasse virgem ou que só mantivesse relações sexuais com um único homem ao longo da vida foi visto pelos jovens como algo retrógrado, machista e repressor.⁴

A rebeldia se processava de diversas formas, tudo em nome da luta contra o *establishment*, porém, nesse contexto conturbado, nem todos sonhavam com uma grande revolução socialista, havia os indivíduos entregues ao desbunde, que em vez da guerrilha preferiam “paz e amor” para transformar o mundo.

Em meio a inovações tecnológicas, viagens à lua, *rock*, *hippies*, guerrilhas, estudantes enfrentando a polícia nas ruas, liberdade sexual e outras transgressões, o mundo inteiro parecia querer mudar, porém:

Os nossos “heróis” são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescerem. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandr , viam Glauber e Godard, andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária e não perdoavam os pais reais e ideológicos – por não terem evitado o golpe militar de 64. Era uma juventude que se acreditava na política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento. Uma simples arqueologia dos fatos pode dar a impressão de que esta   uma gera o falida, pois ambicionou uma revolu o total e não conseguiu mais do que uma revolu o cultural.⁵

O sistema era mais forte do que se imaginava, pouca coisa se transformou profundamente. O poder jovem foi a maravilhosa utopia dos anos sessenta do século XX. Essa década emblemática, cuja palavra de ordem era a **contestat o** dos padrões estabelecidos, e sua gera o composta por jovens sonhadores tem propriedade para envolver diversos historiadores a voltarem seu olhar para analisar o impacto dessas ideias transgressoras.

Com esse propósito, temos como objetivo geral desta pesquisa investigar as rupturas e as permanências observadas na estrutura e no cotidiano da cidade, nos sujeitos, e na (contra) cultura produzida por estes, em Picos – Piaul , influenciados pelas ideias difundidas ao longo dos anos sessenta do século XX em âmbito mundial, a fim de analisar a inser o de Picos nesse contexto, comprovando assim, que a cidade localizada no interior do Piaul  não estava completamente alheia às mudanças políticas, sociais, sexuais e culturais ocorridas no período.

⁴ PISCITELLI, Adriana. *G nero: a história de um conceito*. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertechea, 2009.

SCOTT, Joan. **G nero: uma categoria útil para análise histórica**. Educa o & Realidade, Porto Alegre, v.2, n. 20, p. 93, 1995.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁵ VENTURA, Zuenir, op. cit, p. 7.

Num primeiro momento, o tema proposto foi pensado para demonstrar o impacto dessas ideias a partir da análise da mudança do discurso da masculinidade hegemônica, porém, através das leituras realizadas em cima da temática e análise de fontes, percebemos que esta ideia poderia ser ampliada, a partir daí pensamos em observar e analisar criticamente as continuidades e descontinuidades ocorridas na cidade, nos sujeitos e nas artes.

A experiência obtida durante a graduação com a leitura de textos sobre o efervescente panorama cultural do período⁶ desencadeou a motivação para a escrita deste trabalho que se inicia com a análise das práticas de sociabilidades urbanas cotidianas, logo, utilizamos como referencial teórico *A Invenção do Cotidiano*⁷ de Michel de Certeau onde entendemos os espaços urbanos como “lugares praticados” onde os sujeitos que os vivenciam são os que lhe atribuí significado, objetivei construir uma narrativa através das diversas concepções subjetivas atribuídas à cidade. Seguindo na esteira das subjetividades, busquei analisar as práticas comportamentais e as produções artísticas de uma parcela da juventude picoense, procurei analisar a geração que se encontrava inserida nesse universo cultural não por uma temporalidade linear, uma vez que a narrativa faz desde recuos à década de 1950 até produções que se desenrolariam durante a década de 1980, e sim por uma temporalidade manifestada de maneira fluída, elástica e antilinear, operacionalizando assim o conceito de *geração* de Jean-François Sirinelli onde encontrei subsídio teórico para responder a minha problemática de ordem histórica, pois este autor estabelece o tempo da geração como uma escala móvel do tempo⁸. Busquei trabalhar com a ideia de modernidade de Marshall Berman discutida em *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*⁹ para compreender como o conceito de moderno foi processado ao longo dos séculos e a partir daí busquei estabelecer as fases da modernidade processadas em Picos durante a segunda metade do século XX. Partindo da modernidade, pude compreender o conceito de pós-modernidade expresso por Jair Ferreira dos Santos em *O que é pós-moderno*¹⁰, identificando assim, mesmo que de maneira microbiana, elementos desta condição manifestados na cidade e nos sujeitos que a vivenciaram.

⁶ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Deslumbramento e susto: maravilhas tecnológicas, captura social e fuga identitária nos anos sessenta. In: _____. **Todos os dias de paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.p. 49 – 96. HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde:1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁷ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1 – Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁸ SIRINELLI, Jean François. *A geração*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 135.

⁹ BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**: a aventura da modernidade. Companhia das Letras: São Paulo, 1986. P. 347.

¹⁰ SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

Para compor o *corpus* documental deste trabalho foram colhidos depoimentos orais obtidos através da metodologia da História Oral Temática, que consiste em obter fontes orais através de entrevistas realizadas com um grupo de pessoas sobre um assunto específico¹¹. Os sujeitos históricos são pertencentes a uma classe média urbana, esse estrato social os possibilitou praticarem a cidade de forma diferenciada, foram escolhidos devido ao seu vínculo com o cenário sociocultural da época. Três entrevistados contribuíram para esta pesquisa: Graziani Gerbasi Fonseca, Raimunda Fontes de Moura e Gilberto Campos e Silva. Recorri ao uso de fotografias do cotidiano dos sujeitos, dos espaços de sociabilidade que vivenciavam e de suas produções artísticas onde busquei fazer uma leitura semiótica¹² dessas fontes e construir uma narrativa a partir da hermenêutica dessas imagens. Além da pesquisa bibliográfica contamos com o livro memorialista de Renato Duarte intitulado *Picos: os verdes anos cinquenta* e a análise do jornal *Picussuruba*.

A proposta do trabalho é organizar uma expedição ao passado, sendo assim, está dividido em três etapas de viagem. No Ponto de Partida procuramos perceber os dizeres possíveis da cidade, quais os espaços de sociabilidade que ela oferecia para a juventude nos anos sessenta, qual a nova gama de locais a serem processados e de que maneira esses novos espaços contribuíam para que houvesse uma mudança nas formas de ver e de pensar desses jovens da época. Na Próxima Estação buscamos conhecer a relação que os sujeitos tinham com esses espaços, trilhamos uma análise sentimental observando o cotidiano e as vivências processadas nestes locais de lazer, feito isso, partimos para uma análise acerca das influências ocorridas da moda e no comportamento dos sujeitos que compartilhavam das agitações do período em questão. Na Última Estação objetivamos ponderar acerca da influência que as músicas ouvidas, livros e revistas lidos, e filmes assistidos tinham sobre nossos sujeitos, de que forma eles absorviam as ideias contidas nessas produções e operacionalizavam produzindo arte.

O recorte espacial da pesquisa justifica-se pelo fato de Picos – Piauí ser a cidade onde nasci e vivi minha vida inteira, na qual foram construídos laços de afetividade, por isso, contribuir de alguma forma para a historiografia local sempre foi um desejo desde o início do curso. Sendo assim, tal como Baudelaire, que definiu o *flâneur* como um observador da vida urbana e através disso escreveu diversas obras descrevendo o cotidiano parisiense no século

¹¹ FREITAS, Sandra Maria. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

¹² CARDOSO, Ciro; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

XIX, eu me proponho a descrever o cotidiano picoense na segunda metade do século XX através de uma viagem subjetiva. Como um legítimo *flâneur*, eu fui caminhando, observando e imaginando os anos dourados da vida urbana picoense, mas ao invés de buscar asilo na multidão¹³, busquei asilo na tranquilidade da vida pacata da minha provinciana cidade natal. Espero que vocês se divirtam com a leitura tanto quanto eu me diverti escrevendo esse trabalho. Todos a bordo?

¹³ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2º ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. P. 54.

PONTO DE PARTIDA – A CIDADE

NA MEMÓRIA DO PASSADO, A NOSTALGIA DO PRESENTE: práticas urbanas de lazer e espaços de sociabilidade em Picos nas décadas de 1960 e 70

“Toda obra é uma viagem!”

Gilles Deleuze

O ponto de partida desse trabalho é antes de tudo um convite. Um convite a viajar no tempo e passear pelos espaços de sociabilidade que existiam na provinciana cidade de Picos – Piauí durante as décadas sessenta e setenta do século XX. Nenhum outro termo remete melhor a essência de uma viagem do que o **flanar**. Passear descompromissadamente pelas ruas, praças e avenidas, apenas observando o cotidiano, a arquitetura e, claro, experimentando os espaços que a cidade proporciona¹⁴.

O trabalho do historiador é capturar subjetividades e produzir conhecimento através destas. Nesse sentido, o objetivo desta parte inicial é justamente construir uma cidade subjetiva que evoca da memória coletiva¹⁵ dos nossos sujeitos, evidenciando as emoções, experiências, vivências, dizeres e todas as formas de apropriação das práticas de lazer que vivenciaram nesse espaço. Os depoimentos orais recolhidos através das entrevistas com indivíduos que desfrutaram dos prazeres desses “anos dourados” nos permitem reconstruir um passado.

Nesse intuito de proporcionar a experimentação da cidade, ratificamos o convite para uma caminhada por Picos nas décadas de 1960-70 com o objetivo de que juntos possamos traçar uma cartografia dos prazeres que se dá através da observação das práticas urbanas dos jovens e dos locais onde essas práticas se processavam. Quer saber como essa viagem no tempo seria possível? Vem comigo que no caminho eu te explico.

O badalar dos sinos indicava que a missa das 19h iria começar. A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios encontrava-se lotada de fiéis que estavam lá para prestigiar o ritual católico. Encontrava-se, também, lotada de jovens que esperavam avidamente o término da

¹⁴ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2º ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1 Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

¹⁵ Maurice Halbwachs formula o conceito de memória coletiva que nos possibilita compreender um indivíduo na coletividade de práticas de lazer e sociabilidades em determinada época e lugar. Para ele, a memória coletiva permite um sentimento de pertencimento a um grupo, pois nenhum indivíduo está só, suas lembranças decorrem sempre pela coletividade. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

missa para poderem se dirigir à Praça Félix Pacheco, localizada no centro da cidade. Nos anos 1960 a igreja foi sendo ressignificada pela juventude, além de local de afirmação da fé cristã, funcionava como espaço de sociabilidade, era também um local de passagem obrigatória para, depois da missa, os jovens poderem se encontrar com os amigos na praça.



Fotografia 01: Igreja Nossa Senhora dos Remédios na década de 1960
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

O principal espaço de lazer da juventude da época se constituía na Praça Félix Pacheco, que funcionava como ponto de concentração dos jovens, era o local onde se processavam os primeiros flertes. Este espaço serviu de cenário para muitas histórias de amor. Após a missa na catedral, os jovens dirigiam-se à praça. Paralelo aos bares e sorveterias existia o passeio, onde as moças caminhavam de um lado a outro da praça, em grupos, com suas amigas e os rapazes ficavam em pé, ou sentados nos bancos. Ali o flerte ocorria com mais liberdade, longe do olhar das famílias. A fraca iluminação e a vegetação contribuía para dar uma atmosfera romântica ao interior da praça¹⁶, local ideal para os namorados se apaixonarem:

A paquera acontecia ali, e você, em três ou quatro voltas que você na realidade sentia que existia alguma coisa do seu interesse e vice-versa você acompanhava a pessoa, acompanhava... batia dois ou três papinhos e, na hora que você via alguém pegando na mão era porque tava começando um namoro. E eles não namoravam ali nesse lugar em frente ao Banco do Brasil, ali era só o passeio, ia lá pro centro, ali onde hoje tem aquela parte central, ali era onde ficavam os casais, namorando em pé ou sentados nos bancos.¹⁷

¹⁶ DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. 2º ed. Recife: Ed. Nordeste, 1995. P. 35.

¹⁷ CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2014.

De acordo com nosso entrevistado a parte mais iluminada da praça correspondia ao passeio que se encontrava paralelo ao local onde atualmente é o Banco do Brasil, quando o flerte era correspondido e um novo casal se formava, eles se encaminhavam para o centro da praça onde a iluminação era mais amena. A luz elétrica existia graças a um gerador, que era desligado pontualmente às 21h, por isso, o passeio na Praça Félix Pacheco durante a noite só ocorria até esse horário¹⁸. Quando o sino da igreja matriz tocava, o gerador de energia era desligado e os jovens deveriam ir para casa, pois não era de bom tom as moças de família ficarem na rua depois desse horário, aos homens, maiores de idade, existia a opção de prolongarem a noite nas zonas de meretrício que se localizavam por toda a extensão das ruas São Pedro e São Vicente.

O cenário representado acima fez parte do cotidiano de todos os sujeitos históricos com os quais vamos trabalhar nessa pesquisa, cujo foco é a juventude. As lembranças dos nossos entrevistados, muitas vezes relatos românticos, nos revelam uma nostalgia dos “anos dourados” da cidade, nos remetem a uma cidade existente apenas na memória coletiva, na subjetividade de quem vivenciou os áureos anos de Picos. Percebemos nos depoimentos, muitas vezes emocionados, um sentimento saudosista da sua juventude, uma saudade da cidade pacata que hoje não existe mais. Após ambientar o leitor ao cotidiano da cidade dos anos 1960 daremos seguimento a nossa viagem no tempo detalhando as práticas de lazer da juventude picoense e os locais onde essas práticas se processavam, bem como as representações sociais acerca desses espaços. Fique a vontade e se ajeite na poltrona, pois nossa viagem acabou de começar.

1.1 Por uma geografia do afeto: a praça, o cinema e os circuitos de jovens

Assim como afirma Karla Oliveira, a cidade de Picos, entre as décadas 1960 e 1970 era marcada por sociabilidades restritas, ambientadas em espaços vinculados a práticas religiosas, passeios públicos ou a poucos ambientes de lazer mais permissivos, voltados para um público mais estrito. Tratava-se, portanto, de uma cidade bastante provinciana e ainda muito ligada ao meio rural¹⁹. Nesse contexto, o espaço da igreja aparecia como uma alternativa a mais para os jovens se distraírem, a grande participação da juventude nos eventos promovidos pela instituição pode ser percebida na fala do nosso primeiro entrevistado, o

¹⁸ DUARTE, Renato. Op. cit., p. 36.

¹⁹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro. **A geografia dos Desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960.** Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. P. 20.

senhor Gilberto Campos e Silva, conhecido popularmente como Mury Campos e como iremos fazer referência ao mesmo nesse trabalho:

Outra coisa que os jovens faziam muito, participavam muito, era do movimento de jovens da igreja, tiveram uma participação muito grande, tanto porque a igreja se preocupava muito com o lado social, era uma igreja mais do lado social, mas também era uma igreja também combativa, era uma igreja que também tinha alguma coisa política, tanto é que em 1972 nós fomos treinados por um grupo de São Paulo que veio especialmente trazido pra cá pelo padre Alfredo, que hoje é bispo de Parnaíba, para treinar líderes cristãos que diversificasse essas ideias em todo o Nordeste, nós andamos por esse Nordeste todo.²⁰

O padre Alfredo Schaffler era o líder religioso responsável pela promoção dos eventos relativos à igreja na época. Percebemos no depoimento do entrevistado que o padre Alfredo além de se preocupar com o lado social, visando atender a população carente da cidade, influenciou os jovens a pensarem no lado político e se posicionarem frente a isso, levando em consideração o contexto histórico pelo qual o Brasil passava na época:

Como nós estávamos no período da ditadura, as pessoas, entre aspas, principalmente o exército que tava com pouco tempo que tinha chegado em Picos, olhava pra eles diferente, tanto é que nós fomos proibidos de cantar algumas músicas na igreja porque falava de algumas coisas... diferentes.²¹

Como é apontado na narrativa do nosso entrevistado, vivenciávamos o período mais obscuro da História do Brasil. A partir da análise da fonte oral podemos perceber o espectro da ditadura civil-militar pairando por Picos, em tempo:

Oneide Rocha, na década de 1970, participava do Treinamento da Liderança Cristã – TLC, que era realizado pela Igreja Católica para reunir jovens e adultos. E segundo ela, com a chegada do 3º BEC, passou a ser constante a presença de militares nesses encontros. Uma certa vez veio para Picos um grupo de TLC de São Paulo, e eles apresentaram uma música para ser cantada durante o ofertório da Igreja. E os militares chamaram o padre para dar esclarecimentos sobre os assuntos das reuniões e a música foi proibida de ser cantada.²²

O fragmento acima faz parte de uma pesquisa sobre a atuação do Projeto Rondon em Picos que corrobora a fala do nosso entrevistado utilizando a memória de uma contemporânea do mesmo. Percebemos que embora as ações dos militares na cidade não rendessem um roteiro de filme de terror como ocorreu em outras partes do país, elas aconteciam, mesmo que de forma velada.

²⁰ CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2014.

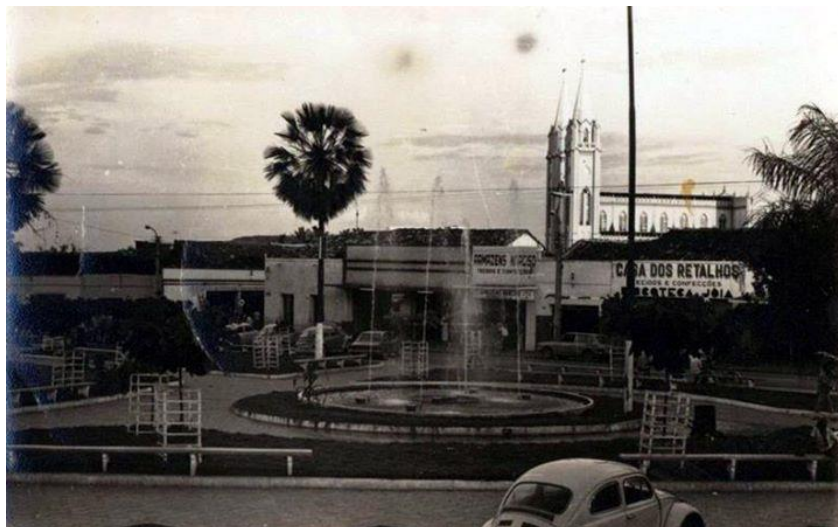
²¹ Idem.

²² SOUSA, Ceane Alves de. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos – PI no período de 1972 – 1983**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013.

Notamos um caráter transgressor na pessoa do padre Alfredo. É de conhecimento público que a Igreja Católica apoiou o golpe civil-militar de 1964, porém, na contramão de muitos membros da igreja, esse líder religioso incentivou a formação de uma juventude militante e combativa no momento em que trouxe um grupo de São Paulo para treinar líderes cristãos que diversificassem pelo Nordeste ideias políticas subversivas, que iam contra o regime militar.

O espaço da igreja aparecia como um pretexto à fuga do ambiente da casa para frequentar os locais públicos, uma parcela da juventude se apropriava dos eventos cristãos para poder, logo após o término destes, socializar com os amigos²³. Podemos perceber bem isso no fragmento de memória da senhora Raimunda Fontes de Moura, conhecida popularmente como Mundica Fontes e como iremos referencia-la nesse trabalho, quando ela nos diz: “quermesses, procissão, fazia parte de grupos, acho que tudo quanto foi grupo de jovens eu participei. Eu acho que só pelo pretexto de sair de casa”²⁴. Logo após as atividades na catedral, geralmente os jovens se dirigiam para a Praça Félix Pacheco.

O *point* de encontro da *galera* da época era a Félix Pacheco, que no início da década de sessenta do século XX tinha um formato triangular e era um local bastante arborizado com árvores de grande e pequeno porte, possuía um enorme jardim e uma fonte luminosa que dava um toque de classe ao lugar:



Fotografia 02: A praça em 1960. Ao fundo, a Catedral de N. Sr.ª dos Remédios.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Localizada no centro da cidade, a praça surgia como palco da maioria das relações sociais da população:

²³ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro. Op. cit., p. 36.

²⁴ MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira. Picos, 2011.

A Praça Félix Pacheco hoje, praticamente só tem o nome, não é? Nos finais dos anos sessenta e setenta, a praça era nosso local de encontro, todo mundo ia pra lá. Todos os encontros realizados na cidade, qualquer coisa, seja ele qual fosse: de negócios, é... de namorados, de noivos, casamentos, era tudo lá. Os bares e sorveterias ficavam ali onde hoje é o atual Banco do Brasil.²⁵

De acordo com nosso entrevistado, no local do atual Banco do Brasil, em frente a praça, localizavam-se as soverterias e barzinhos que dinamizavam ainda mais o movimento da praça, as pessoas que saíam das missas nas manhãs de domingo da igreja matriz e iam com suas famílias tomar refrigerante, os casais de namorados ou até mesmo amigos que iam se refrescar do calor nas sorveterias:

Ao redor da praça tinha uma sorveteria, ao lado do Banco do Brasil, tinha uma sorveteria que era de um sargento do exército, e foi criado também, no início dos anos setenta, não tô lembrando bem... setenta e dois, setenta e quatro... acho que em setenta e dois, uma grande sorveteria que pertencia ao... eu acho ele ainda é vivo hoje em dia, era o seu Luís Dedim. O nome era Apollo 11, esse nome foi dado por mim, esse nome... houve um concurso pra escolher o nome que se daria a essa sorveteria e quem ganhasse ia receber um premio, eu nem lembro mais nem qual era o prêmio, mas eu ganhei, porque o nome, naquela época, no auge era Apollo, em 1969 o homem tinha ido à lua e Apollo 11 foi o nome que ganhou, foi sorteado. A sorveteria funcionou por muito tempo.²⁶

Nesse ponto é interessante dialogar com Edwar Castelo Branco quando este se refere à corrida espacial da década de 1960 e seus efeitos na produção artística brasileira: “[...] o final dessa mesma década produziu uma radical transformação na percepção do planeta, propriamente, com a chegada, em 20 de julho de 1969, da nave americana Apollo 11 à Lua.”²⁷. Analisando o depoimento do entrevistado, podemos perceber a influência das viagens espaciais num âmbito mais local, mostrando que a tranquila cidade do interior do Piauí não estava alheia aos efervescentes acontecimentos da época.

Ainda na esteira do deslumbramento e susto percebido, a nível de Brasil, com a corrida espacial e a conquista de espaço, é possível perceber que tais transformações se expressariam, em Picos, através de outras subjetividades. O tradicional cinema de Picos, o *Cine Spark*, localizado em frente à Praça Félix Pacheco, era um dos veículos responsáveis pela divulgação dessas ideias, já que os filmes refletiam muito o cotidiano da época em que eram produzidos, além disso, era um espaço destinado à difusão de notícias e informações.

²⁵ CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2014.

²⁶ Idem.

²⁷ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Op. Cit. P. 31.

O primeiro filme a ser exibido na inauguração do cine, em 26 de agosto de 1964, foi *Viagem ao Planeta Proibido*, um filme de ficção científica produzido nos EUA que impactou o imaginário dos picoenses uma vez que versava sobre:

Uma expedição tripulada à Marte perde contato com a NASA, que utilizando um comando remoto, conseguem trazer a espaçonave de volta à Terra. A Dra. Irish (Nora Hayden) é resgatada sem memória, como também o Cel. Tom O'Bannion (Gerald Mohr) inconsciente e com uma estranha infecção alienígena no braço. Os cientistas sem noção do que fazer, tentam recuperar a memória da médica, na esperança de descobrir o que causou tal contaminação no astronauta, como também saber o destino dos outros tripulantes e os trágicos acontecimentos na superfície de Marte. Aos poucos a Doutora Irish vai lembrando os horrores que os membros da expedição passaram durante os 5 dias no Planeta Vermelho, cercados de monstros alienígenas e uma possível civilização marciana hostil e poderosa. Logo o comando da NASA e o povo da Terra iriam descobrir que Marte seria um planeta proibido aos seres humanos.²⁸

Percebemos no depoimento do entrevistado como a viagem a lua estava mexendo com o imaginário de quem vivenciava o período: “naquela época tudo... tudo era a viagem espacial né? O assunto era esse, por isso escolhi Apollo 11 para ser o nome da sorveteria”²⁹. O deslumbramento com o novo é perceptível na fala do nosso sujeito histórico. Incontestável símbolo da modernidade, o cinema influenciava de diversas formas na sociedade, promovia rupturas sobre o modo de ver o mundo e pensar as questões políticas, culturais, sociais e sexuais. Além de exibir filmes e noticiar a população, o *Cine Spark* funcionava, juntamente com a praça, como um espaço destinado aos encontros amorosos, pois a presença tanto dos homens, como das mulheres era permitida. Numa sociedade extremamente religiosa e conservadora, é interessante observar como o cinema influenciava no comportamento moral da população:

As exibições afetavam ainda os comportamentos morais da sociedade, no sentido de apresentarem filmes que incitavam um namoro mais apimentado. Até mesmo o próprio escuro do cinema oferecia condições de extrapolar os padrões de comportamentos aceitáveis, encorajando os rapazes e moças a “avançarem o sinal”.³⁰

O cinema era um local respeitado pela sociedade picoense, de acordo com nossos entrevistados, os pais não impediam as filhas de frequentarem esse espaço de lazer, embora não fosse muito comum ver meninas indo sozinhas ao cinema, sempre iam acompanhadas por

²⁸ Sinopse do filme *Viagem ao Planeta Proibido*. Disponível em: <http://cinespacemonster.blogspot.com.br/2010/05/angry-red-planet-1959.html>. Acesso em 17 de março de 2015.

²⁹ CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

³⁰ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro. Op. Cit., P. 52.

irmãos, amigas ou até mesmo pelos namorados. Para não manchar essa imagem de respeito perante a sociedade, percebemos que os proprietários do cinema se mostravam preocupados em evitar atitudes que viessem a ferir os padrões comportamentais estabelecidos para a época, por isso contratavam os lanterninhas, cuja função era iluminar alguns pontos do cinema para desviar certas condutas que estivessem em desacordo com a moral e os bons costumes da família tradicional picoense.



Fotografia 03: *Cine Spark* na década de 1960.
Fonte: Acervo Pessoal de Cristina Varão.

A imagem acima representa o *Cine Spark*, através dela podemos perceber um grupo de jovens postados nas grades do portão de saída do cinema, possivelmente não possuíam dinheiro para comprar os ingressos e espreitavam o portão na tentativa de visualizar de relance alguma parte do filme, prática comum na época segundo nossos entrevistados. A imagem retrata ainda um dos signos da modernidade: o fusca, que se contrasta com duas bicicletas estacionadas ao lado do veículo. O pacato e o moderno representado através dos meios de locomoção e transporte existentes em Picos naquela época.

Centralizado no interior da praça, havia um estabelecimento de dois andares, o Abrigo, no térreo funcionava, durante o dia e a noite, um bar. No andar de cima existia um local reservado para as festas que aconteciam aos finais de semana. Rapazes e moças se divertiam, dançavam nas serestas animadas pelo som da sanfona, do triângulo e do bumbo. Havia dias

reservados para os violeiros de Picos e região se apresentarem³¹. A Praça Félix Pacheco era o coração da cidade e os clubes e bares funcionavam como veias de entretenimento que pulsavam embaladas pelos ritmos da moda como iê-iê-iê e rock n' roll ou ainda pelos forrós e marchinhas carnavalescas, dependendo da ocasião.

A pretensão desse tópico foi traçar uma cartografia dos prazeres através dos relatos dos nossos entrevistados percebemos uma nostalgia da época em que tudo que eles transavam eram três, quatro cubas; que quase não existiam drogas e a liberdade para andar pela cidade era maior, devido ao fato da violência ser inversamente proporcional³². Mapeando os principais locais de sociabilidade da época objetivamos reconstruir os anos dourados de uma cidade que permanece viva no imaginário de quem a vivenciou nesses áureos tempos.

1.2 O que era sólido se estilhaça: a aventura da modernidade nos Picos mais altos do mundo

Ser moderno [...] é experimentar a existência pessoal e social como um torvelinho, ver o mundo e a si próprio em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambiguidade e contradição: é ser parte de um universo em que tudo o que é sólido desmancha no ar.³³

Essa é a definição do que significa ser moderno em um mundo onde “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, aplicada por Marshall Berman em sua célebre obra, homônima. A modernidade se processa de diferentes formas e seu conceito se reestrutura com o passar do tempo, porém, buscamos nas palavras de Berman um refúgio para definir os sentimentos que estão presentes em todos que vivenciaram o ideal de modernidade de seu tempo: agitação, angústia, ambiguidade, contradição; os sujeitos se desintegram e se renovam a cada vez que se deparam com o novo e isso é atemporal.

Berman nos traz três fases onde o conceito de modernidade se processa e se reconstrói: a primeira vem a ser do início do século XVI ao final do XVII, onde segundo ele, os sujeitos estavam começando a experimentar a vida moderna e mal percebiam os sentidos do moderno. A segunda fase se processa durante 1790, com a Revolução Francesa e o que ela acarreta, os sujeitos partilhavam o sentimento de viver uma época revolucionária, até o século XIX onde,

³¹ Ibidem. P. 33.

³² “O Reginaldo Rossi tem uma música que diz que ‘tudo que a gente transava eram três, quatro cubas’, quer dizer, era a única coisa que a gente tomava era uma coca cola com montilla, três ou quatro, apenas para se animar para ir numa festa, não existiam drogas, muito pouca... não existia violência, também muito pouca, e isso fazia com que a gente tivesse mais liberdade para se divertir, mais liberdade de andar pela cidade” CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2014.

³³ BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. Companhia das Letras: São Paulo, 1986. P. 347.

segundo Berman, os indivíduos vivenciariam os últimos momentos de um mundo que não chegava a ser moderno por inteiro: “É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização”³⁴. E por fim, a terceira fase que viria a ser o processo de modernização que expandiu ao ponto de abranger, virtualmente, o mundo inteiro.

Essas elucidações acerca das fases da modernidade em âmbito mundial nos levam a pensar como se deu o processo de modernização³⁵ aqui em Picos. Cientes de que a cada momento a modernidade assume uma forma diferente e de que a cada vez que se esta se processa vão surgindo novos símbolos do moderno, buscaremos, analisando o cotidiano da cidade, assim como o surgimento dos novos signos, explicar como se deu esse processo. Para atingir nosso objetivo, nos dispomos a fazer um pequeno recuo no nosso recorte temporal e voltarmos um pouco mais no tempo, a fim de ambientar-nos no final da década de 1940 e início da década de 1950 e analisarmos as continuidades e descontinuidades ocorridas com a impactante chegada dos anos rebeldes.

Nossa principal fonte de informações sobre o final da primeira metade do século XX se constitui na obra do picoense Renato Duarte intitulada *Picos: os verdes anos 50*, onde contribui com suas vivências e suas memórias de infância, ocorrida no limiar dos anos 1950. Duarte discorre acerca do cotidiano, dos acontecimentos marcantes e personalidades singulares, da cultura e tradições festivas picoenses. Em suma, compõe uma obra bastante cara a nós historiadores. Sobre o cenário do final da década de 1940 e início de 1950, ele nos mostra que:

A Picos do final da década de 40 e início dos anos 50 era um pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural. Havia uma convivência estreita, íntima mesmo, entre o aglomerado urbano e o meio ambiente em torno. Até meados da década de 50, mesmo nos meses secos, Picos era cercada de verde, graças à existência de um cinturão de umidade que a envolvia quase que totalmente. Além do rio Guaribas, que até então era perene, com água correndo durante todo o ano, havia uma faixa úmida que se estendia entre o leito do rio e os limites urbanos da cidade.³⁶

Percebemos a importância que o autor dá ao fato de Picos ser cercada por um “cinturão de umidade”, o que nos leva a compreender a influência do rio Guaribas para a economia local que era movimentada, basicamente, pela agricultura. Essa constatação corrobora a afirmação de Picos era intensamente ligada ao mundo rural. Nesse cenário onde o urbano, inevitavelmente, se confundia com o rural, nos propomos a analisar dois locais de

³⁴ Ibidem. p. 15.

³⁵ Entendemos por modernização a série de mudanças tecnológicas e estruturais observadas em Picos.

³⁶ DUARTE, Renato. Op. cit., P. 19.

sociabilidades essenciais na história de Picos: a praça e o cinema. Buscaremos, com isso, tecer elucidações acerca do processo de modernização da cidade, bem como ponderar acerca das permanências e rupturas observadas na estrutura da cidade entre o fim da primeira e início da segunda metade do século XX.

Continuando a nossa flânerie, experimentando os espaços agora no florescer dos anos 1940, nos deparamos com o único jardim público da cidade:



Fotografia 04: Praça Félix Pacheco na década de 1940.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

A Praça Félix Pacheco foi inaugurada em 10 de janeiro de 1942 e arquitetada para funcionar como área comercial e residencial, além de espaço de socialização. Analisando a imagem percebemos que seu formato triangular abrigava um ambiente extremamente arborizado, sobre o interior da praça, Duarte nos dá uma descrição precisa:

O jardim – que tinha uma área maior que a atual – continha todos os elementos próprios de uma praça como área de lazer e como espaço de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros gramados, bancos. Os bancos, apesar de desconfortáveis, pois não tinham encosto, eram originais: constavam de uma pedra apoiada em dois suportes com formato de rostos de leões. Os postes de iluminação eram feitos de ferro trabalhado e eram encimados por globos de vidro cor leitosa.³⁷

Observando a imagem percebemos no entorno da praça os estabelecimentos comerciais e residenciais da época. Voltaremos nosso olhar para um estabelecimento em particular: o Cine Odeon, primeiro cinema de Picos, localizado na esquina da praça com a travessa Lourenço Pereira. Inaugurado ainda em 1934 e chegando a funcionar até o ano de

³⁷ Ibidem. P. 35.

1942³⁸, o Cine Odeon pode ser considerado o abridor de portas para a modernidade que chegava tímida em Picos.

“Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”³⁹ Essa citação nos provoca a refletir acerca da percepção dos picoenses com o novo, tendo em vista o deslumbramento e todos os sentimentos que a modernidade acarreta. Quais as visões dos cidadãos acerca da cidade que se moderniza? É uma visão de otimismo? É uma visão de susto? É uma visão de fascínio com a cidade que está se modernizando? Infelizmente não tivemos acesso a um corpus documental que respondesse essas provocações na cidade de Picos, porém, buscaremos esclarecer essas questões fazendo um diálogo com a historiadora piauiense Teresinha Queiroz em sua obra *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*, onde traz a ideia de civilização e discute acerca da entrada do cinema que se processa na virada do século XIX para o século XX em Teresina, capital do Piauí, admitindo que a realidade da capital não fosse muito diferente da realidade de Picos.

[...] O “progresso” materializado em inúmeras inovações utilitárias – que, embora não fossem apropriadas pela grande maioria da população, não deixavam de indicar os novos rumos e promessas da Civilização e de gerar novas formas de pensar e de sentir – não foi absorvido de forma passiva e pacífica. Cada novidade trazia em si um susto, um movimento de admiração e também um frêmito de medo.⁴⁰

Entendemos que não existem verdades absolutas nos domínios de Clio, não temos a pretensão de afirmar que todos os picoenses ficaram assustados com a modernidade, porém admitimos como possível a interpretação apresentada por Queiroz para descrever o sentimento de parte da população perante o novo. O imaginário dos indivíduos estava estremecido, novas formas de pensar, de sentir, de agir, e de ver o mundo estavam se estabelecendo na pacata e provinciana cidade de Picos, em suma, novos valores estavam sendo instituídos.

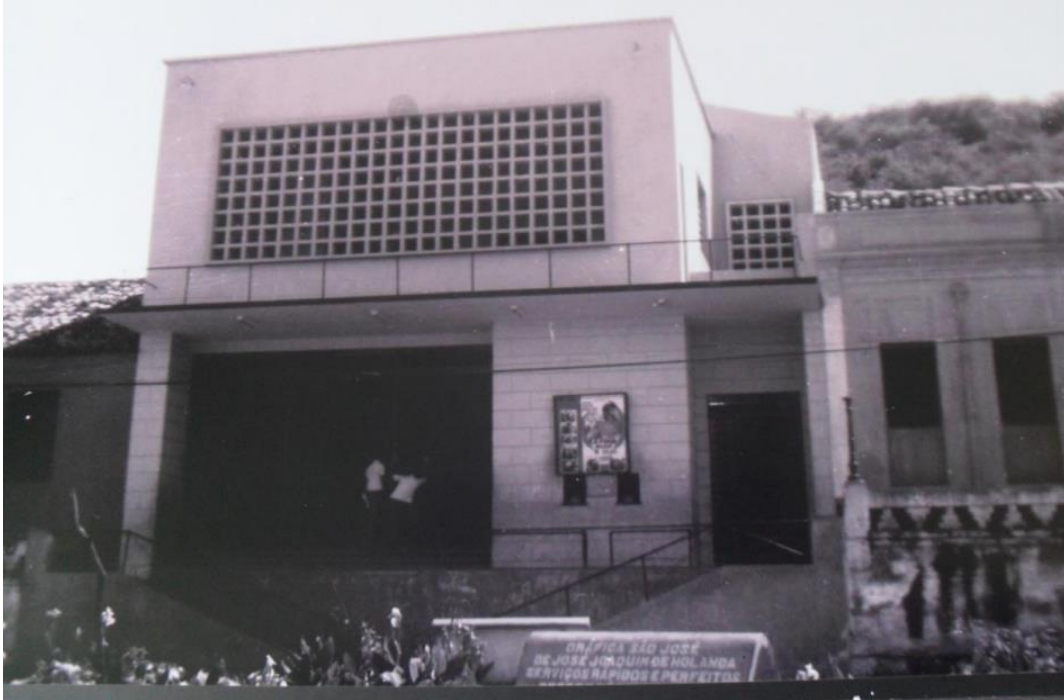
Com o passar dos anos a arquitetura da cidade se modifica a fim de abarcar as novas necessidades que vão surgindo, a Praça Félix Pacheco, por exemplo, teve de romper com suas características originais e teve seu tamanho diminuído devido à necessidade de alargar a

³⁸ REVISTA FOCO. **Edição Comemorativa (111 anos de história)**. Picos: Folha de Picos, 2001, p. 16.

³⁹ BERMAN, Marshall. Op. cit., p. 14.

⁴⁰ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os Literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. P. 28.

avenida e as ruas que a circundam para a modernização do centro da cidade. O abre-alas da modernidade teve suas portas fechadas, porém deu lugar a outros cines, com destaque para o mais famoso e duradouro: O *Cine Spark*.



Fotografia 05: Cine Spark na década de 1960.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

No paredão da Praça Félix Pacheco surgia, imponente, o prédio do *Cine Spark*, sua arquitetura “era moderna até pros padrões atuais, imagine naquela época⁴¹”, analisando a imagem percebemos um prédio que possuía mais de um andar, o que promove uma diferenciação do padrão das construções da época; dois portões de entrada, que indicam uma preocupação dos proprietários no que tange a organização dos espectadores, visto que o portão mais estreito era destinado à entrada e o mais largo à saída da plateia; através da imagem percebemos também o local onde os cartazes dos filmes eram expostos.

Através da análise de dois ícones representativos das mudanças de Picos como a praça e os cinemas, procuramos ambientar o leitor ao dia-a-dia da época e fazer um passeio pelas décadas onde a modernidade se processou na cidade. No nosso ponto de partida dessa viagem subjetiva pelos anos dourados de Picos, tivemos a pretensão de analisar as permanências e rupturas observadas na estrutura e no cotidiano da cidade, na nossa próxima parada iremos analisar as permanências e rupturas observadas nos sujeitos que vivenciaram essa época, qual o espetáculo proporcionado pela geração dos anos rebeldes em Picos? Essa é uma das

⁴¹ FONSECA, Graziani. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

questões a ser trabalhada na próxima parada. Faça uma rápida pausa para o lanche, em breve embarcaremos, mas antes uma provocação: assumindo que a modernidade chegou a Picos ainda na primeira metade do século XX poderíamos arriscar afirmar que na década de 1960 um espectro já bem conhecido nos Estados Unidos estaria rondado pela cidade?

PROXIMA PARADA: OS SUJEITOS

ESCALANDO PICOS DE SENSIBILIDADES: saudosismo, estética e rebeldia

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.”

Eduardo Galeano

Cientificamente podemos ser compostos por átomos e moléculas, porém, transcendentalmente nós somos compostos por histórias. As nossas experiências, sentimentos, pensamentos, atitudes e tudo aquilo que vivenciamos durante nossa existência faz parte de quem nós somos, da nossa pretensa identidade. Nossas histórias são nossas representações, o que nos possibilita construir nossa subjetividade, e é justamente nesse campo subjetivo que vamos continuar com nossa viagem. Se o convite da parada anterior foi para experimentar os espaços da cidade com todos os seus dizeres possíveis, o convite dessa segunda parada é para conhecer as relações que os sujeitos mantinham com esses espaços, como os praticavam, quais seus sentimentos relativos à cidade, como processavam sua juventude nesse espaço urbano. Seguindo na esteira das subjetividades, ousamos construir uma História dos Sentimentos, acreditamos ser possível identificar as permanências e as rupturas sofridas pelos sujeitos observando seu cotidiano e suas as vivências experimentadas na sua juventude, por sua vez, processada durante o final da década de 1960 e início de 1970.

Uma vez que vimos no ponto de partida que novos valores estavam sendo instituídos na população picoense com a chegada de uma dita *modernidade*, nessa próxima estação iremos observar como a geração cuja juventude vivenciou a chegada dos anos rebeldes em Picos absorveu essas mudanças comportamentais e de que forma as processou, é válido informar que essa geração com a qual trabalhamos não se apresenta com um padrão de temporalidade, mas sim como uma engrenagem do tempo, cuja escala que os envolve é atemporal, fluída, móvel, elástica e espiral⁴². Para evitarmos os conflitos de gerações, buscamos estabelecer que o objeto de estudo pertinente à pesquisa se constitui na geração que recebeu os impactos das novas ideias que estavam aflorando em âmbito mundial, objetivando perceber a inserção de Picos nesse contexto. Já passamos pelos espaços de vivências coletivas

⁴² SIRINELLI, Jean François. *A geração*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 131-137.

da juventude, a partir de agora nosso caminho prosseguirá interpretando os sentimentos atribuídos a esses espaços que nossos sujeitos expressam, além disso, estaremos observando as influências ocorridas no comportamento, na moda, e nos valores sociais instituídos na época que compõe nosso recorte, perceberemos isso através das imagens e dos depoimentos, muitas vezes emocionados, que gentilmente nos concederam. Prontos para iniciarmos nosso percurso sentimental trilhado pelo imaginário coletivo dos nossos atores sociais?

2.1 Na torrente dos “anos rebeldes”

O turbilhão de acontecimentos que estigmatizaram os anos 1960 como os “anos rebeldes” não passariam despercebidos pelos jovens que habitavam a tranquila cidade de Picos – Piauí que, nessa época, encontrava-se em processo de *rurbanização*, isto é, a cidade que no limiar da década de 1950 era extremamente ligada ao meio rural estava abrindo as portas para a modernização e urbanização dos seus espaços, como pudemos perceber no nosso ponto de partida desse nosso passeio ao passado. A partir das considerações levantadas anteriormente, outras problemáticas foram traçadas e estas darão o tom da pesquisa nessa etapa da viagem. Se os espaços de sociabilidade urbana estavam passando por mudanças, as formas como eles eram processados pelas pessoas que os frequentavam também passaria por modificações.

Novamente buscaremos refúgio na Praça Félix Pacheco e a escolheremos como objeto de interpretação para observar essas transformações no modo de experimentação desse espaço. Tomando como fonte a fotografia número 04 que corresponde à praça durante a década de 1940 juntamente com a informação de que esta, no início dos anos 1950, mantinha as características do projeto original⁴³, percebemos a existência de um coreto localizado na parte central que funcionava como palco das apresentações da banda de música da cidade:

No final das tardes de domingo, a banda de música municipal – apelidada, pelos seus críticos, de **Quebra Resguardo** – ocupava o coreto e realizava retretas, tocando valsas e dobrados. Então, meninas e adolescentes aproveitavam a música para realizar um baile, formando pares entre si; toda a área em volta do coreto era transformada numa pista de dança. Os meninos postavam-se em volta, observando, mas as dançarinas não permitiam a participação deles. Os efeitos dessa discriminação não demoravam a aparecer, pois não se passava muito tempo até que, nos bailes, as moças da cidade enfrentassem o desafio de dançar com rapazes que, salvo raras exceções, não conseguiam acompanhar os seus passos de exímias dançarinas.⁴⁴

⁴³ DUARTE, Renato. Op. cit., P. 35.

⁴⁴ Ibidem. P. 42, grifo do autor.

Analisando este fragmento, podemos perceber o local social definido para os jovens e para as crianças da década de 1950 em relação ao espaço do coreto da praça onde apenas as meninas, as moças e os rapazes podiam dançar, aos meninos ficava reservado apenas o direito de olhar e admirar os casais dançando. Podemos interpretar essa “discriminação” sofrida pelos meninos no que tange à proibição de dançar com as meninas em volta do coreto como sendo parte das normas sociais da época. O ato de dançar apareceria como sendo uma característica apenas feminina, uma vez que o papel estabelecido socialmente para as mulheres era o de seduzir os homens com sua beleza e, muitas vezes, pela forma de dançar⁴⁵, logo, dançar bem era um atributo feminino, às mulheres cabia a função de serem ótimas dançarinas então deveriam aprender desde cedo e aos homens cabia a função de serem seduzidos pela dança, sendo assim, aos meninos que não estavam com idade de namorar, restava observar enquanto os mais velhos formavam pares e acompanhavam as mulheres nos passos de dança.

Com a chegada dos anos 1960 tanto os locais de sociabilidade como as práticas sociais desenvolvidas nesses espaços sofreram mutações, o coreto do centro da praça, por exemplo, deu lugar a um estabelecimento de dois andares conhecido pelo nome de Abrigo.



Fotografia 06: Praça Félix Pacheco nos anos 1960, no centro, o Abrigo.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Este estabelecimento, tal como o *Cine Spark*, possuía uma arquitetura considerada moderna para os padrões da época, seus dois andares apareciam imponentes no centro da praça, como percebemos na imagem. No térreo funcionava um barzinho durante o dia inteiro,

⁴⁵ Corroborando com este pensamento podemos utilizar a fala de Pedro Vilarinho Castelo Branco em sua obra “*Mulheres Plurais: A condição feminina na Primeira República*” onde este afirma que “o papel da mulher nos bailes era o de sedutora, ela seduzia pela beleza, pelos dotes, pelo jeito de dançar, de olhar, de reservar-se à espera de um convite para dançar”. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais: A condição feminina na Primeira República**. Teresina: Edições Bagaço, 2005. P. 45.

e nas noites dos finais de semana, no segundo andar, funcionava um salão de festas onde eram realizadas as serestas que embalavam a juventude da década de 1960. Percebemos que a geração dos anos cinquenta e a geração dos anos sessenta do século XX experimentavam os espaços de sociabilidade que a cidade oferecia de formas diferentes, as retretas das valsas no coreto ocorridas no final das tardes de domingo davam lugar as serestas animadas pelo forró⁴⁶ no Abrigo da Praça Félix Pacheco, por exemplo.

O ambiente da praça com todos os bares, lanchonetes e sorveterias que a circundavam, o cinema e a própria rua aparecem como espaços de afeto, os sentimentos atribuídos a estes espaços também são válidos para a pesquisa historiográfica, nossas relações com os lugares é da ordem do sensível, para além de uma história descritiva, buscamos traçar uma narrativa que dê profundidade de sentimento a esses espaços de vivência. E isso se deu pelo fato de que ao realizar as entrevistas para a composição do *corpus* documental desta pesquisa, notamos traços de saudosismo no depoimento dos nossos entrevistados, a grande maioria deixou transparecer uma visão carregada de romantismo acerca da cidadezinha tranquila onde vivenciaram sua juventude, acerca desse lugar carregado de significados que não existia mais em outro lugar além das suas lembranças. Interessante perceber que:

O saudosismo parece nascer da angústia diante da sucessão das novidades, como fruto da insegurança diante de novas estruturas sociais que vêm substituir a antiga ordem, destruindo os lugares e hierarquias sociais já estabelecidas. O saudosismo parece ser uma reação dos grupos sociais que estão sendo afetados negativamente por essas transformações. [...] A saudade seria esta descida ao coração do tempo para resgata-lo em sua essência, em seus valores eternos, em sua continuidade essencial.⁴⁷

E de fato é exatamente isso que notamos ao analisar as representações dos nossos sujeitos acerca da urbe, notamos certo pesar ao olharem para a Picos atual e compararem com a cidade que vivenciaram sua juventude durante as décadas de 1960 e 70, uma lamentação ao perceberem que a tranquilidade da pacata cidade se esvaiu, que os espaços onde costumavam experimentar diversas emoções juvenis dissiparam-se ou transformaram-se e acabaram perdendo o significado que costumavam ter.

Para conhecermos as relações que os sujeitos mantinham com esses espaços, como os praticavam e processavam sua juventude nesses locais urbanos lançamos mão de imagens

⁴⁶ “Ali no Abrigo tinha as serestas no final de semana, né? Tinha uma banda que tocava forró pras moças e rapazes dançarem, era uma festa”. MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

⁴⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **AS SOMBRAS DO TEMPO: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história**. In: Marina Haizenreder Ertzog e Temis Gomes Parente. (Org.). *História e Sensibilidade*. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

eternizadas pelas lentes de uma câmera fotográfica. Buscamos realizar uma análise semiótica das fotografias do cotidiano de jovens que vivenciaram os “anos dourados” picoenses, a partir dessa análise pretendemos interpretar seus sentimentos relativos à cidade nessa época.



Fotografia 07: Jovens na Praça Félix Pacheco nos anos 1960.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

A imagem acima retrata, em primeiro plano, dois jovens que se encontram na Praça Félix Pacheco, pois ao fundo, podemos perceber o portão de saída do *Cine Spark*. Esse retrato possivelmente foi fotografado durante um dia de domingo, pois percebemos várias crianças em segundo plano e esse era o dia da semana no qual as crianças mais frequentavam a praça para brincarem enquanto esperavam a sessão do cinema iniciar, se atentarmos bem para a imagem conseguiremos perceber um garoto conferindo o filme do dia que estava em cartaz na parede do cinema, ao lado do portão de saída. De acordo com de Firmino Libório Leal, cronista e membro da União de Escritores Picoenses:

Era comum nas tardes de domingo, no vespéral das quatorze horas, nos minutos que antecediam as sessões a criançada participar de uma brincadeira conhecida como “mãos ao alto”. O fato consiste, em um dos participantes ficar a procura do outro que antes fora esconder-se. Certo que, ao avistá-lo, o algoz gritava: “mãos ao alto”, como a pronúncia tinha que ser bem rápida, resultava-se em: “manzuar”.⁴⁸

⁴⁸ LEAL, Firmino Libório. *O Velho Cine Spark*. Portal FCS, Picos-PI, 12 mar. 2007. Disponível em: <http://www.portalfcs.com.br/home.php?c=nd&id=1542>. Acesso em: 18 mai. 2015.

É importante perceber como essas atividades desenvolvidas nos espaços de sociabilidade existentes na cidade contribuíram para essa memória afetiva acerca desses locais que ficou conservada no imaginário dos nossos sujeitos, as brincadeiras infantis, por exemplo, deixam saudade dessa época. Em depoimento, Mury Campos nos diz:

A gente se lembra muito bem, inclusive, tem até uma música do Roberto Carlos que diz “velhas tardes de domingo” que ela é a realidade dos anos sessenta aqui na cidade de Picos, aquilo ali aconteceu...quando eu ouço aquela música é o mesmo que eu estar vendo a nossa vida aqui⁴⁹.

Ao analisarmos a música a qual nosso sujeito se refere percebemos que a mensagem transmitida é saudosista, é a saudade do tempo que passou, porém as lembranças alegres acerca dele permaneceram. Muitas das fotografias produzidas durante a época do nosso recorte temporal traziam a Félix Pacheco como cenário, “nós costumávamos ficar ali na praça, sentados nos bancos, perto do passeio, conversando, tirando fotografias...”⁵⁰ diz nossa entrevistada quando questionada sobre suas práticas de sociabilidade juvenis junto com seus amigos. Vamos analisar mais uma imagem:



Fotografia 08: Grupo de meninas na Praça Félix Pacheco nos anos 1960.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

Nessa fotografia observamos um grupo de garotas que se encontram sentadas em um dos canteiros do jardim da Félix Pacheco, podemos perceber no fundo da foto as escadarias do prédio que deu lugar ao antigo coreto localizado na parte central da praça, o Abrigo. As

⁴⁹ CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

⁵⁰ MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

moças certamente foram retratadas em algum dia útil da semana, pois trajam o uniforme escolar e algumas possuem cadernos nos colos. Notamos um grupo alegre, temos a sensação de paz e tranquilidade, esse grupo de meninas despreocupadas nos passa uma sensação de conforto, parecem felizes ao serem eternizadas nesse espaço.

Há quem possa vir a questionar a felicidade expressa nas fotos argumentando que os sorrisos foram esboçados apenas para o momento da foto, para que os indivíduos se perpetuem como felizes ao desfrutarem dos espaços de lazer. Ponderando acerca desse argumento, inclusive considerando como bastante provável, poderíamos discursar em cima dessa hipótese levantando a questão de que esse simulacro da realidade, onde parecer feliz viria a ser mais importante do que ser feliz de fato é uma característica da pós-modernidade⁵¹, sendo assim, estaria o fantasma realmente circulando pela cidade?

2.2 A estética de uma virada comportamental

O ano de 1968 foi emblemático, a sede de liberdade e a necessidade de novas experimentações faziam essa geração – que afirmava não confiar em ninguém com mais de 30 anos⁵² – romper barreiras sociais e ir na contramão de todos os valores pré-estabelecidos pela sociedade formada pela geração dos seus pais. A ideia básica era contestar o sistema, a geração de 1968 era romântica, queriam mudanças e não queriam esperar nem mais um minuto, porque as coisas já estavam acontecendo!⁵³ Essa juventude engajada bradava por transformações políticas, sociais, sexuais, culturais e comportamentais, não bastava mudar a estrutura econômica e o Estado, a revolução deveria ser total, era preciso mudar a própria maneira de se comportar.

Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura. Ainda que diferindo muito dos tradicionais movimentos organizados de contestação social – e isto tanto pelas bandeiras que levantava, quanto pelo modo como as encaminhava – a contracultura conseguia se afirmar, aos olhos do Sistema e das oposições (ainda que gerando incansáveis discussões), como um movimento profundamente

⁵¹ SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

⁵² Referência a uma música chamada “*Com mais de 30*” do cantor e compositor Marcos Valle junto com seu irmão Paulo Sérgio Valle, bastante em voga durante a década de 1970, a música alertava para o fato de que pessoas que não tivessem mais cabeça de adolescente, não eram confiáveis. Resumia bem essa época na qual os valores estavam sendo contestados pela mais nova e vigorosa força rebelde: a juventude.

⁵³ “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer” Já dizia a célebre música “*Pra não dizer que não falei das flores*” do compositor Geraldo Vandré.

catalisador e questionador, capaz de inaugurar para setores significativos da população dos Estados Unidos e da Europa, inicialmente, e de vários países de fora do mundo desenvolvido, posteriormente, um estilo, um modo de vida e uma cultura underground, marginal, que, no mínimo, davam o que pensar⁵⁴.

Refletindo acerca desse fragmento observamos que a juventude estava vivenciando uma contracultura, isto é, uma cultura de protesto onde iam contra todos os padrões estabelecidos socialmente. E esses jovens rebeldes que seguiam a palavra de ordem e **contestavam** todos esses valores instituídos se utilizaram de várias estratégias de mudança comportamental. Dentre essas novas atitudes, estavam as formas de se vestir, a moda aparecia como reflexo da rebeldia daquela geração. E em meio a todas essas agitações nos propomos a analisar esses reflexos na cidade de Picos, de que forma os jovens daqui se inseriram em todo esse contexto de transformações comportamentais? Objetivamos nesse tópico ponderar acerca do código estético dos jovens picoenses durante as décadas de 60 e 70 do século XX, de que forma se expressavam através da moda? Essas inquietações irão nortear nossa viagem a partir de agora.

Picos, desde suas origens, sempre foi uma cidade extremamente tradicionalista onde a sociedade pautava seus costumes e comportamento de acordo com as regras cristãs do catolicismo. Nas casas das famílias tradicionais picoenses era bastante comum encontrar, nos quartos dos casais, oratórios onde imagens de santos e outros objetos que remetiam à iconografia católica estavam expostos. Era natural encontrar quadros do Sagrado Coração de Jesus ou do Coração de Maria enfeitando as paredes das casas, assim como na maioria dos lares encontrava-se uma reprodução da *Última Ceia* do italiano Leonardo da Vinci nas salas de jantar⁵⁵. Nesse sentido, encontramos permanências, pois atualmente ainda encontramos vários lares com altares, imagens e quadros que remetem aos dogmas católicos. Em 1950 o tradicionalismo se refletia nos valores morais construídos com base nos ensinamentos cristãos e seguidos fielmente pelos “cidadãos de bem” da sociedade picoense.

⁵⁴ PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. P. 6.

⁵⁵ DUARTE, Renato. Op. cit., P. 56.



Fotografia 09: Festejos de Nossa Senhora dos Remédios na década de 1950.
 Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Ozildo Albano.

A imagem acima representa a igreja matriz durante os festejos comemorativos de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade. Percebemos pela quantidade de fiéis no pátio da igreja a enorme participação da sociedade nas atividades católicas, notamos famílias inteiras, homens, mulheres crianças e jovens de todas as idades participando ativamente dos eventos promovidos pela Igreja. Nessa configuração social é possível compreender porque o catolicismo tinha imensa influência no comportamento da sociedade chegando inclusive a ditar moda, durante a década de 1950 uma peça de roupa da indumentária feminina foi integrada à cultura picoense: o bolero. Sobre esse fato, Renato Duarte nos diz que:

O vigário, Padre Madeira, considerava indecentes as vestes femininas – mas não as masculinas – que tivessem mangas curtas, e proibia que as mulheres entrassem na igreja assim vestidas. Para ele, um traje feminino adequado para a frequência à igreja tinha que ter mangas compridas ou as chamadas mangas três-quartos. Como forma de contornar a situação, as senhoras e senhoritas da cidade passaram a usar o **bolero** - que nada mais era do que um colete curto, com mangas três-quartos – por sobre as roupas que tivessem mangas curtas. O uso do **bolero** passou a fazer parte do cotidiano das mulheres de Picos, provocando situações as mais insólitas. Ante o risco de passarem pelo vexame de ser escorraçadas da igreja durante os ofícios religiosos, caso fossem flagradas pelo vigário com roupas de mangas curtas, as picoenses tinham que estar sempre com seu **bolero** à mão.⁵⁶

Percebemos traços do conservadorismo cristão no que tange à indumentária e ao corpo feminino, a sexualidade estava constantemente atrelada à moral e aos bons costumes. Para o vigário, não era de bom tom que as mulheres comparecessem à igreja com os braços expostos

⁵⁶ Ibidem. P. 154, grifo do autor.

e logo estabeleceu a proibição. A solução encontrada pelas senhoras e senhoritas picoenses para driblar o desconforto que seria vestir-se com roupas de mangas compridas, dado ao clima quente da cidade, foi utilizar esse casaco apenas para frequentar as missas e outros eventos eclesiais, após a saída da igreja dobravam o casaco e o seguravam na mão ou então passavam em casa para guardar antes de irem para a Praça Félix Pacheco, como era de costume. Acerca desse passeio na praça nessa época Mundica Fontes nos dá uma contribuição interessante:

O que eu ouvia dos meus pais e pessoas mais velhas que eu era que os passeios na praça que só iam de traje social distinto, os homens não passeavam... Tinha que ser de terno e gravata. [...] E as mulheres eram muito bem trajadas, naquele tempo elas usavam vestidos abaixo do joelho, não usavam roupas curtas e elas iam muito bem vestidas, pessoas mal vestidas não tinham o direito de passear na praça, era muito limitada, era restrito a uma elite naquela época. No meu tempo, o jovem tinha todo acesso à praça⁵⁷.

De acordo com o depoimento, durante a década de 1950 havia uma distinção social muito forte no espaço da praça, apenas pessoas mais remediadas da cidade tinham o direito de passear nesse local. Corroborando com essa afirmação, Duarte⁵⁸ nos diz que o formato triangular da praça favoreceu a divisão social de classes dentro deste espaço, o lado referente ao passeio, paralelo aos bares, lanchonetes e sorveterias, logo, mais iluminado e frequentado era reservado para a população mais abastada, quanto às outras camadas sociais, essas se reservavam do outro lado da praça, no local menos iluminado. Ainda pelo depoimento da entrevistada podemos notar que embora os anos cinquenta do século XX tivessem apresentado traços de conservadorismo muito fortes, no “tempo dela”, ou seja, durante a época em que vivenciou sua juventude, no final dos anos 1960 e início de 1970, esse conservadorismo foi perdendo força, e isso se deu por influência das novas formas de pensar, de ver, de sentir e experimentar o mundo que estavam chegando a Picos através dos meios de comunicação. De acordo com nossos entrevistados essas informações chegavam por meio de jornais, revistas e discos trazidos pelos jovens picoenses que estudavam nos grandes centros urbanos e vinham passar as férias junto com a família e amigos; e através do *Cine Spark* que costumava exibir as notícias do Brasil e do mundo antes das películas cinematográficas. Vamos nos apropriar das ideias de Edwar de Alencar Castelo Branco para corroborar nossas afirmações acerca dessa conjuntura:

⁵⁷ MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

⁵⁸ DUARTE, Renato. Op. cit., P. 36.

De maneira geral, portanto, podemos dizer que os discursos que circulavam nos anos sessenta – em larga medida decorrentes e conectados com as maravilhas tecnológicas da época – testemunhavam um crescente processo de fragmentação das paisagens culturais, particularmente das noções tradicionais de gênero, de sexualidade, de étnica, de classe, etc. Por consequência, as sólidas localizações sociais existentes até o final dos anos cinquenta estavam também abaladas⁵⁹.

Os sujeitos estavam passando por mudanças comportamentais, adquirindo novos posicionamentos e novas formas de se expressar, os jovens estavam sendo influenciados pelas agitações culturais que marcaram os anos rebeldes aqui no Brasil:

De maneira geral, o estilo ié-ié é o centro das atenções e desperta mais susto e repulsa do que admiração. Nas vestimentas, especialmente, tal estilo ganha visibilidade e toma as ruas das cidades brasileiras: para os rapazes, camisas xadrez madras, calças de cintura alta, cintos de couro rústico, mocassins ou sandálias de couro grosseiro, alguns *foulards* para o inverno, bonés de *beatle* e muito raramente gravata. Estas, quando compõe o vestuário, têm que ser berrantes e estampadas com exagero. Os conjuntos femininos [...] são compostos por meias coloridas e minissaias usadas com salto pequeno e grosso, calças compridas, que diferentemente das minissaias, “se usa com sapatos de saltinho”, pantalonas que se fingem de saia e minivestidos. Nas cabeleiras, um desenho geométrico de duas cores.⁶⁰

Se nos anos cinquenta a Igreja Católica reinava absoluta no que tangia o comportamento social picoense, a partir dos anos sessenta e com o decorrente acarretamento de novos valores instituídos socialmente, isso se transformaria. A juventude picoense não passaria despercebida em meio às agitações culturais que estava ocorrendo no Brasil e se inseriram nesse contexto cultural e comportamental descrito no fragmento acima. De acordo com nossos entrevistados suas vestimentas também foram influenciadas pelos movimentos culturais que marcaram a época:

As roupas? A gente procurava fielmente seguir as roupas da Jovem Guarda, as roupas que realmente se vestia no mundo mais adiantado, como a gente chamava o “Sul maravilha”. Eram boca de sino aquelas calças que eu brinco que a gente jogava a calça e a gente chegava meia hora depois, sapatos Luís XV de salto alto, tamancos, bolsas a tira colo, cabelos quando maior melhor, calças jeans quanto mais sujas, quanto mais rasgadas, quanto mais... então era realmente vivendo o período do festival de Woodstock, os hippies. Nós queremos... nós estamos aí, nós queremos viver também!⁶¹.

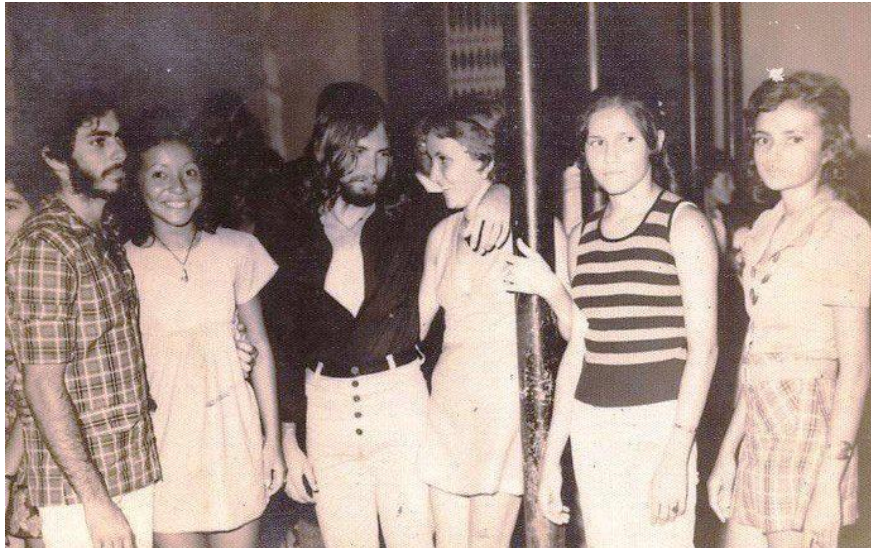
Essa efervescência cultural que estavam vivenciando se refletia nas formas de vestir, a Jovem Guarda lançava as tendências da moda e os jovens buscavam segui-las fielmente, a

⁵⁹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Op. Cit. P. 56.

⁶⁰ Ibidem. P. 57 e 58.

⁶¹ CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

seguir analisaremos algumas imagens de sujeitos que vivenciaram as décadas de 1960 e 1970 em Picos e incorporaram essas novas influências, promovendo uma ruptura com as décadas anteriores no que tange a questão comportamental.



Fotografia 10: Grupo de jovens no Picoense Clube na década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

A brusca ruptura com o tradicionalismo da primeira metade do século XX é nítida, naquela época os homens só se encontrariam bem vestidos se trajassem ternos alinhados e gravata, no início da segunda metade podemos perceber a rebeldia característica da época expressa nas roupas, no comportamento e na aparência dos jovens. O primeiro rapaz à esquerda da foto traja uma camisa xadrez e o segundo uma camisa de manga longa desabotoada, deixando o peitoral exposto, e uma calça jeans de cintura alta com um cinto de couro rústico, que, como vimos na descrição de Castelo Branco, eram tendência na época. As quatro moças da foto aparecem rompendo com o padrão de roupas feminino dos anos cinquenta, como vimos no depoimento da nossa entrevistada, as mulheres da época só se encontrariam bem vestidas se trajassem elegantes vestidos abaixo do joelho, como percebemos na foto três moças usam vestidos acima do joelho e a que foge à regra, usa calça comprida! Outro elemento transgressor dos costumes tradicionais que podemos extrair da imagem encontra-se no comprimento do cabelo do rapaz que se encontra no meio da foto. O fato de um homem deixar o cabelo crescer era mais do que um corte, para além da questão estética, essa atitude simbolizava uma recusa ao padrão estabelecido, era signo da rebeldia latente e da influência do movimento *hippie*⁶², onde cabelos e barbas compridos aliavam-se às

⁶² CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda nos anos 60/70: comportamento, aparência e estilo.** Revista do centro de artes, humanidades e letras. V.2, p. 35-44, 2008.

roupas psicodélicas, coloridas, cheias de vida que contrastavam e rompiam com os tons escuros dos ternos que reinavam soberanos nos anos 1950:

[...] Até os anos 60, havia uma maneira de vestir-se, com a qual homens e mulheres, seguindo à risca, mantinham acentuadas as diferenças do sexo. Até aquela década, também estava na roupa a diferença de algumas posições sócias. Particularmente o terno indicava situações de trabalho, status político e social, mas, sobretudo, uma condição masculina urbana. Com o aparecimento e expansão da moda hippie tudo começou a mudar: primeiro a redução das diferenças no vestuário de homens e mulheres; depois a adoção de todo um estilo informal de portar-se e vestir-se, com a perda da posição central do terno, sem mencionar a mudança nos cortes de cabelos masculinos, antes curtos, passando a cair sobre os ombros, em desalinho, entre outras alterações.⁶³

Além das influências musicais e do movimento *hippie*, os sujeitos estavam vivenciando a época do *boom* do feminismo e as decorrências desse movimento nas formas de vestir femininas são notáveis, as barreiras existentes entre roupas e comportamento masculinos e femininos estavam começando a serem ultrapassadas como percebemos neste fragmento e corroboraremos a afirmação fazendo uma hermenêutica da imagem a seguir:



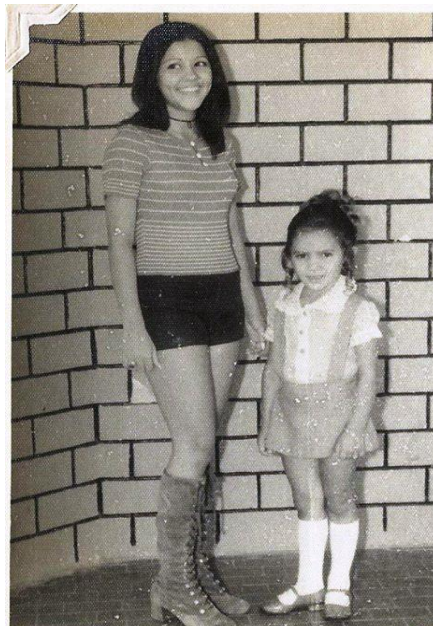
Fotografia 11: Três jovens picoenses no Ginásio Marcos Parente, década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

Vemos três moças cujas roupas que estão vestindo expressam a influência do movimento feminista na moda: a primeira garota da esquerda para a direita está vestindo uma camisa com botões e colarinho e calça comprida, até pouco tempo atrás essas indumentárias

⁶³ Ibidem. P. 39.

eram exclusividade do vestuário masculino, vemos também que ela está calçada com sandálias de couro rústico e usa um colar que remete aos acessórios característicos da cultura *hippie*. A garota do meio aparece vestindo uma calça boca de sino e de cintura alta com camiseta listrada. E a última encontra-se trajando uma calça jeans também com cintura alta e camiseta estampada, ícones marcantes dessa geração. Outro detalhe importante de observarmos é que além de ambas estarem vestindo calças compridas, ambas possuem o cabelo curto, percebemos a ruptura com a estética da década de 1950, a geração dos anos rebeldes impactava a sociedade picoense com homens de cabelos compridos e mulheres preferindo o corte mais curto. Por fim, a forma como as duas moças estão sentadas também diz muito sobre o espírito transgressor da época, em cima das carteiras com as pernas afastadas, contestando o discurso defendido pelos patronos da moral e bons costumes de que “mulher deveria se sentar com as pernas cruzadas”.

As peças de roupa que os jovens da geração dos anos rebeldes utilizavam eram extremamente mais livres, leves e soltas que as da geração anterior. Um fato marcante dessa época onde a juventude estava experimentando outros tons de liberdade e de ousadia consistiu na criação das minissaia⁶⁴ que revolucionaria a estética feminina no mundo, através da análise de imagens, percebemos que a juventude picoense não estava alheia às tendências mundiais:



Fotografia 12: Jovem trajando minissaia, década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

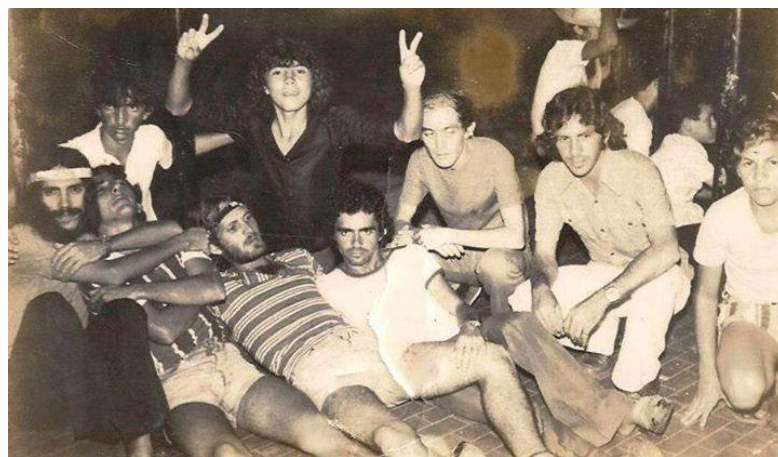
⁶⁴ CHANTAIGNER, Gilda. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

Observamos uma bela jovem picoense que, ao vestir uma minissaia preta com camisa listrada e bota até os joelhos, mostrava-se inserida dentro das tendências mundiais da moda no período em questão. Outro ícone da moda nos anos 1970 foram as pantalonas:



Fotografia 13: Jovem trajando uma pantalona, década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

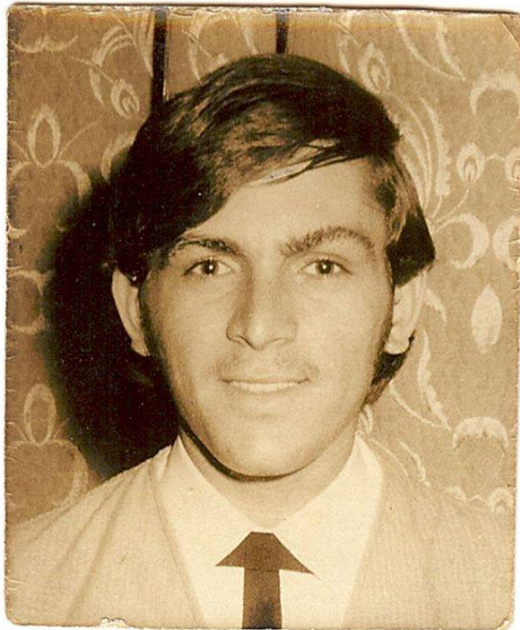
A garota que se encontra em pé na foto aparece vestindo uma pantalona, camisa com botões e colarinho, um colete de franjas e quanto aos acessórios percebemos óculos escuros de lentes pequenas, uma bolsa a tira – colo e pulseiras clara influência dos elementos da cultura *hippie* que definitivamente a marcou a moda picoense como observaremos com mais força na imagem a seguir:



Fotografia 14: Grupo de garotos, década de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Era a época do “Paz e Amor”, proposta *hippie* e lema contra a violência do exército americano na Guerra do Vietnã, cuja uma das representações se dá no símbolo que

observamos o garoto vestido de camisa preta fazendo na pose para a foto. Notamos também o primeiro homem da esquerda para a direita, que possui cabelos compridos e barba espessa, com um lenço amarrado na testa, além disso, aparece abraçando o colega carinhosamente. A partir disso podemos considerar uma mudança nos costumes, as barreiras sociais existentes na primeira metade do século certamente cerceariam esse comportamento com o discurso de que “homens de verdade não fazem demonstrações de carinho públicas para outros homens”. Através das imagens percebemos traços libertários característicos da época. Até aqui nós discutimos a influência da Jovem Guarda, do movimento *hippie*, e do feminismo, a partir de agora voltaremos nosso olhar para outro símbolo da juventude: o rock! Esse ritmo revolucionou não apenas a música, como também os costumes, a rebeldia do rock dos anos sessenta ficaria marcada pra sempre, quem nunca ouviu falar dos grandes nomes do rock de 1960? Os Beatles, Rolling Stones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison and The Doors, Bob Dylan, Joan Baez, The Mamas and the Papas e tantos outros que influenciaram e influenciariam a juventude.



Fotografia 15: Graziani Fonseca.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Na cidade de Picos, os Beatles, particularmente, inspirariam a estética de um grupo de jovens que foram os integrantes da primeira banda de rock da cidade, o grupo “Os Leões” e que viriam a ser conhecidos como “os Beatles de Picos”, onde detalharemos a trajetória da banda na última estação da nossa viagem. Na imagem acima temos o vocalista da banda cujo colete, gravata e penteado são semelhantes aos usados pelos integrantes da banda inglesa.

Nessa etapa da viagem percebemos que a geração explosiva dos anos 1960 influenciou uma série de mudanças comportamentais nos jovens acarretadas pela instituição de novos valores que estavam sendo atribuídos com a chegada das primeiras décadas da segunda metade do século XX. Discutimos as permanências e rupturas observadas na moda e no comportamento dos sujeitos que estavam sendo influenciados pelas agitações culturais que envolviam o mundo na época, sendo assim, na última estação da nossa viagem vamos observar e analisar criticamente como essas efervescências culturais estavam influenciando na produção artística dos jovens picoenses. Estão prontos?

ULTIMA ESTAÇÃO: AS ARTES

ATINGINDO PICOS DE EFERVESCÊNCIA CULTURAL: a transgressão do rock e a imprensa subversiva

“Se a vida é amiga da arte, enquanto houver vida e quisermos vive-la de forma cada vez melhor, precisaremos da arte, da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado”.

Durval Muniz de Albuquerque Junior

Chegamos à última estação do nosso passeio, os que aceitaram o convite e embarcaram nessa viagem ao passado puderam conhecer a cidade de Picos durante as décadas de 1960-70, flanando pelas ruas da cidade desfrutamos do prazer de mapear os espaços de sociabilidade frequentados pelos jovens da época, estabelecendo uma cartografia dos prazeres. Ao refazer o percurso igreja-praça-cinema, que estava tão intimamente presente nas memórias dos nossos sujeitos de forma que podemos considera-los *espaços de afeto*⁶⁵, buscamos observar as mudanças e as permanências ocorridas na estrutura da cidade com a chegada da segunda metade do século XX. Seguindo o caminho das afetividades, de buscar perceber a relação sentimental que os sujeitos nutriam com esses espaços urbanos, prosseguimos nossa viagem. Ao passear durante um momento histórico de contestação de valores e padrões pré-estabelecidos, voltamos nosso olhar para as subjetividades endereçadas aos comportamentos desviantes e buscamos perceber essa mudança comportamental dos jovens picoenses que absorviam essas ideias transgressoras e as processavam de diversas formas, entre elas, estava a moda, as formas de vestir-se refletiam a rebeldia daquela geração. Nessa última etapa da viagem, a proposta é observarmos a influência que as músicas ouvidas, livros e revistas lidos e dos filmes assistidos tinham sobre nossos sujeitos, como contribuíram para essa mudança comportamental da juventude e de que forma eles absorviam as ideias contidas nessas produções e as operacionalizavam produzindo arte!

3.1 A festa da insignificância na casa de ilusão

A cidade é um palco onde os sujeitos apresentam-se diariamente em um show do cotidiano, os espaços urbanos são praticados de diferentes formas de acordo com o público

⁶⁵ Para compreender mais sobre a noção de afeto em Gilles Deleuze e Félix Guatarri, ver: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: !34, 1992.

que o frequenta e, conseqüentemente, o significa. Já viajamos pelos locais de sociabilidade considerados elitizados, locais frequentados pelas famílias, espaços praticados pela juventude tradicional. Nesta etapa da viagem voltaremos nosso olhar para alguns espaços urbanos que eram praticados pela juventude que estava envolvida na efervescente conjuntura cultural da época, espaços marginais que eram apropriados como espaços de construção, socialização e operacionalização das ideias desses jovens inseridos no contexto artístico e intelectual picoense durante o final dos anos 1960 e início dos anos 70. Os movimentos revolucionários da época impulsionados pela rebeldia da juventude influenciaram picos de efervescência cultural em todo o ocidente e a cidade de Picos não ficou alheia a este processo. Analisaremos a partir de agora o envolvimento de uma parcela da juventude com as artes, relacionando suas produções artísticas com as influências contraculturais que permeavam pelo ambiente intelectual contestatário da época.

No paredão da Praça Félix Pacheco, próximo ao *Cine Spark*, existia uma residência onde, ao final das tardes, um grupo de jovens se reunia na calçada para ouvir música, discutir filosofia e fumar maconha. Eram sujeitos com subjetividade libertária que, mesmo de maneira não intencional, estavam ressignificando a sociedade na qual estavam inseridos, ressignificando inclusive os espaços urbanos com suas práticas que forçavam as estruturas imaginárias, uma nova gama de dispositivos estavam sendo articulados na cidade para romper com as vivências tradicionais, com as práticas familiares. Sentados na calçada, refletindo acerca da própria insignificância, observavam a mediocridade dos transeuntes da Praça Félix Pacheco que os olhavam atravessado: “olha a plebe ordinária, está inquieta pra lá e pra cá, não sabe o que quer”⁶⁶, proferia um deles, o dono da casa, José Domingos Varão, representado na imagem abaixo:

⁶⁶ FONSECA, Graziani. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.



Fotografia 16: José Domingos Varão, Edgar Varão e Antônio José Varão.
Fonte: Acervo Pessoal de Cristina Varão.

Nesta fotografia podemos visualizar o paredão da Félix Pacheco em todo o seu esplendor, as escadarias levam-nos à casa citada anteriormente, o ponto de encontro desses sujeitos que recebiam olhares atravessados da sociedade tradicional picoense que, de acordo com o depoimento de um dos nossos entrevistados, os considerava a escória. Eram os “revoltados”, os “subversivos”, os “maconheiros”, os “atravessados”, os “transviados”. Nosso entrevistado em questão, um dos participantes da festa da insignificância⁶⁷ que ocorria no final das tardes na calçada do paredão, é ninguém menos que Graziani Gerbasi Fonseca, vocalista d’Os Leões, a primeira banda de rock de Picos. O espaço de experiências vivenciado por Graziani que, junto com outros jovens, se reunia na calçada da casa de José Domingos Varão o levava a projetar um horizonte de expectativas⁶⁸ onde vislumbrava um futuro onde estaria sendo um artista famoso: “eu queria ser um *beatle!*”⁶⁹. Era um espaço utilizado para trocas culturais:

Era a casa de José Domingos Varão que éramos considerados os revoltados, os subversivos, os maconheiros, os atravessados, os transviados, como chamavam na época, era bem ali no paredão, era o pessoal de Brígida, Edgar Varão, Fernando Varão, que eu estava não era por eles, era por José Domingos, que era o mais velho, inclusive era mais velho do que eu, que a minha afinidade com ele era puramente intelectual e filosófica, porque ele era mais velho do que eu, já estudava em Recife, estudava direito e a gente

⁶⁷ Em “*A Festa da Insignificância*”, sua obra mais recente, Milan Kundera traça uma narrativa em cima de acontecimentos cotidianos da vida de quatro amigos, ambientado em Paris, o livro traz um misto de melancolia com uma reflexão filosófica acerca da insignificância da vida humana, para saber mais ver: KUNDERA, Milan. **A Festa da Insignificância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁶⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

⁶⁹ FONSECA, Graziani. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

trocava livros... conheci Schopenhauer por intermédio dele, a gente lia Schopenhauer! Quem era que conhecia Schopenhauer? Se eu falasse de Schopenhauer o cara pensava que era... uma mordida de cachorro, uma marca de cerveja... (RISOS) aí era ali, a gente sentava na calçada, lá tinha uma radiola Hi-Fi, né alta fidelidade, que era um móvel, porque a radiola que se conhecia eram aquelas... uma caixinha pequenininha que a tampa era um auto falante e embaixo era uma radiolinha a pilha, então uma radiola grande, elétrica, que bota não sei quantos discos caíndo, com som estéreo e alta fidelidade eram poucas, então quando eram 5:30h/6h da tarde a gente ia pra lá, quem queria fumar fumava, quem não queria fumar, não fumava, mas o povo ficava na praça vendo a gente lá olhando atravessado.⁷⁰

Era nos finais das tardes que os encontros pra ouvir música e filosofar aconteciam. Pela rádio BBC de Londres tinham contato com os mais diversos artistas que estavam no topo das paradas musicais internacionais, ouviam Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, discutiam Schopenhauer e contemplavam a mediocridade, festejavam a insignificância. O menino que amava os Beatles e o Rolling Stones e que sonhava em morar em Amsterdã estava diretamente influenciado pelas ideias contraculturais que entrava em contato por intermédio de livros, revistas e discos trocados com amigos que moravam fora e estavam por dentro das novidades que *rolavam* no mundo e estava preparado para transgredir a ordem e abalar as estruturas de Picos. A agitação do ritmo rebelde dos anos sessenta chegava à cidade pelas ondas do rádio e pelas faixas dos compactos, o som estridente da guitarra elétrica contagiava e mexia com o imaginário dos nossos sujeitos impulsionando uma nova forma de mudança comportamental dessa vez influenciada pela rebeldia e transgressão do rock. Além da casa de Domingos Varão, havia outro espaço marginal frequentado por Graziani Fonseca que era utilizado para práticas culturais: o Covil, berço da banda Os Leões.

⁷⁰ Idem.



Fotografia 17: O Covil.

Fonte: Acervo Pessoal de Cristina Varão.

Observando a imagem concluímos que o Covil era um espaço pouco glamouroso, que se constituía em uma pequena fábrica de mosaicos pertencente a Sinhozinho, pai de Zezé, este por sua vez:

Inventou de botar uma bodega lá que só quem bebia era a gente mesmo, e aí lá rolava tudo nesse covil: se bebia cachaça, quem queria chegar lá, bebia também, não era um barzãão não, mas tinha umas quatro ou cinco garrafas de pinga, aí o cara ia passando pro almoço e resolvia parar pra tomar um aperitivo, mas lá se estudava, se preparando para o concurso da ESA que era a alternativa que se tinha naquele tempo, ou você ia pro Banco do Brasil, ou ia pra faculdade, que eram poucos que iam né? Fazia o concurso do Banco do Brasil, banco do Nordeste e o concurso da ESA, escola de sargentos das armas e eles tinham muita aspiração de ir pra isso porque era uma carreira estável né? Tem respeito. E a gente estudava mesmo nos livros e ia pra lá fazer atividade física porque um dos testes decisivos pra entrar no exército era cumprir a bateria de exercícios, tinha os aparelhos que aqui não tinha e lá tinha, que era o remador, subir em corda... A gente ficava lá fazendo maromba, digamos assim, tocando violão, fumando maconha, bebendo cachaça e estudando, estudando mesmo com as apostilas, não era incompatível né? Também era pouca gente que frequentava, era mais só nós mesmo⁷¹.

Não era um espaço frequentado pelas famílias tradicionais picoenses, pelo contrário, era um local frequentado apenas por um pequeno grupo de jovens que eram considerados subversivos. O Covil era um espaço que ficava às margens da sociedade, a geração⁷² que o praticava estava inserida no universo da contracultura:

⁷¹ FONSECA, Graziani. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

⁷² SIRINELLI, Jean François. Op. Cit.

Aos poucos, os meios de comunicação de massa começavam a veicular um termo novo: contracultura. Inicialmente, o fenômeno é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. Um conjunto de hábitos que, aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia no mínimo um despropósito, um absurdo mesmo. Rapidamente, no entanto, começa a ficar mais claro que aquele conjunto de manifestações culturais novas não se limitava a estas marcas superficiais. Ao contrário, significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Enfim, um outro universo de significados e valores, com suas próprias regras⁷³.

Eram jovens que rompiam as barreiras impostas, as práticas que estavam desenvolvendo na juventude eram diferentes de todas as gerações anteriores, estavam ressignificando os espaços, transgrediam e instituíam novos valores, se organizavam de outra forma, estabeleciam uma releitura das práticas sociais, pensavam diferente, encaravam as pessoas e o mundo com um novo olhar, não estavam satisfeitos com o que alcançavam ao esticar e abrir os braços, queriam mais, sonhavam com mais, Picos necessitava de mais. E por se encontrarem fora do padrão socialmente aceito para uma juventude saudável aos olhos inquisidores das famílias de classe média picoenses, eram extremamente mal vistos, embora o Covil, dentre outras sociabilidades, também fosse um espaço de estudo para que os sujeitos se estabelecessem financeiramente e adquirissem respaldo social. Porém, nosso entrevistado sempre estava na contramão dos costumes, até mesmo dos da própria geração à qual fazia parte.

Graziani Fonseca desde pequeno respirava cultura, devido a problemas de saúde na infância não pôde desenvolver as mesmas práticas de sociabilidade que as outras crianças desenvolviam, não pôde andar a cavalo, jogar bola, tomar banho no rio Guaribas e correr, entre outras brincadeiras, pois tinha uma complicação nas pernas que o limitava. Sendo assim, suas maiores distrações na infância eram ler, ouvir rádio, assistir filmes e participar das apresentações artísticas teatrais organizadas pela Igreja e pelo Instituto Monsenhor Hipólito. Sua melhor forma de passar o tempo foi lendo, aprendeu a ler com uma tia antes mesmo de entrar na escola e aos doze anos de idade já tinha lido boa parte da biblioteca do pai, desde coleções de livros de História e Geografia, enciclopédias clássicas como a Tesouro da Juventude até clássicos da literatura como Machado de Assis, José de Alencar, Eça de Queirós e Malba Tahan, além de revistas em quadrinhos e a revista Cruzeiro. Aos 12 anos ingressou no seminário por vontade da mãe, local onde aprendeu a tocar violão, porém três anos depois foi convidado a se retirar, caso contrário seria expulso pelo padre. Aos 15 anos

⁷³ PEREIRA, Carlos Alberto M. Op. Cit. P. 5.

trocava ideias filosóficas e intelectuais, além de livros, com seu amigo mais velho José Domingos Varão, citado anteriormente. Apropriava-se do Covil enquanto local de estudo, porém não tinha a mesma pretensão de se estabelecer social e financeiramente que seus amigos tinham, estudava para poder sair de Picos. Na casa de Domingos Varão, segundo nosso entrevistado, os encontros eram mais filosóficos e musicais onde ficavam ouvindo Beatles, Rolling Stones e Janis Joplin, artistas internacionais, já no Covil era onde se reunia com os amigos para ouvir serestas e músicas da Jovem Guarda, neste local foi onde começaram a se agrupar nas rodinhas de violão e ensaiarem serenatas para as namoradas, namoradas essas que tinham que encontrar escondido, pois não eram aceitos pelos pais.

A partir das sociabilidades exercidas no Covil a produção artística desses jovens se desenrolou para outros espaços da cidade e cidades próximas, eles levavam violões acústicos para o ginásio onde aproveitavam os intervalos para tocarem, nessa época o grêmio estudantil era bastante ativo e promovia além das tertúlias na cidade, intercâmbios culturais com outros grêmios de cidades vizinhas onde os jovens frequentadores do Covil se apresentavam. Além desses locais, existia a “Hora de Arte” promovida pelo colégio, além das cruzadas culturais promovidas pela Igreja e o programa “Só para Brotos” da rádio Luar do Sertão que eram outros locais de apresentação desse grupo de jovens que ensaiavam no Covil. O “estalo” para a formação da primeira banda de rock picoense se deu quando um funcionário do Banco do Brasil chamado Amadeu Oliveira da Silva, admirador do *som* que os garotos produziam foi até eles e os questionou sobre o motivo de não comprarem instrumentos elétricos e formarem uma banda:

Tinha um cara do Banco do Brasil que chegou aqui, Amadeu, Amadeu Oliveira da Silva, era um personagem, uma figuraça, aí na hora que ele viu a gente o olho dele brilhou: “rapaz, vocês são artistas! Lá em Teresina agora fizeram um conjunto ‘os brasinhas’, vocês tocam melhor do que eles, porque vocês não compram os instrumentos?” aí meu pai era contra, eu só andava com aqueles caras aí ele dizia “ah só músicos, maconheiros, cabeludos, transviados” eram as coisas que eram fora do padrão.

É válido proferir que Graziani tinha entre 15 e 16 anos, recém-convidado a se retirar do seminário e não trabalhava, o dinheiro que possuía era o que recebia do pai que não o apoiava nesse empreendimento e os outros garotos, embora mais velhos, também não possuíam dinheiro para financiar os instrumentos. A solução para este impasse foi apontada por Amadeu que disse que falaria com os sócios do Lions Clube, pois “era um pessoal muito influente dentro da caretice reinante, faziam bailes de caridade, enfim. Aí o Amadeu foi falar

com esse povo porque ele era um respeitável funcionário do banco”⁷⁴. Na esperança de receberem patrocínio para a compra dos instrumentos, resolveram nomear a banda de “Os Leões” em homenagem aos sócios do Lions Clube, porém os sócios não patrocinaram alegando a má fama que os garotos tinham perante as famílias tradicionais. Como grande apoiador do grupo, Amadeu ficou decepcionado e resolveu financiar ele próprio os instrumentos em uma loja de Teresina cujo dono, Aerton Fernandes, acabou vendendo fiado. O show de inauguração dos instrumentos foi um sucesso, com o lucro obtido conseguiram paga-los e ainda sobrou dinheiro para comprarem um amplificador e um teclado profissional.



Fotografia 18: Show de Inauguração no *Cine Spark*.
Fonte: Acervo Pessoal de Cristina Varão.

A fotografia acima retrata o show de inauguração dos instrumentos elétricos d’Os Leões ocorrido em 1967 no *Cine Spark*, era o início da fase profissional da banda formada por Graziani no vocal e na guitarra base, Campos na guitarra solo, Zezé na escaleta, Jorge no baixo e Tontonho Xavier na bateria. O cinema estava lotado, várias pessoas estavam ali para prestigiar “os Beatles de Picos”, como ficaram conhecidos, pois além de terem uma estética que remetia a da banda britânica, foram os responsáveis por popularizarem as músicas dos Beatles na cidade. Os Leões se tornaram sucesso absoluto, tiveram grande aceitação na cidade e começaram a lotar a agenda de shows que iam desde apresentações cívicas até casamentos e aniversários. Seu repertório mesclava rock com Jovem Guarda e algumas

⁷⁴ FONSECA, Graziani. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

músicas autorais, com o tempo tornaram-se conjunto de baile e passaram a introduzir no repertório músicas de outros ritmos que eram sucesso nos interiores como, por exemplo, bolero para agradarem o público que os contratava. Esse foi um dos motivos para Graziani desligar-se da banda:

A gente tinha um apelo muito grande que a gente não dava conta! Passei dois ou três anos na banda, mas aí eu enchi o saco, porque eu não aguentava, não aguentava tocar a mesma música repetidas vezes só para agradar, não estava ali para ser macaquinho de circo, eu queria ser artista, eu queria ser um Beatle! Então eu me retirava, perdia a paciência, eu saí por causa disso [...]. Depois que viramos conjunto de baile enchi o saco muito cedo.⁷⁵

Talvez por pertencer a um nível social mais elevado, Graziani não se acomodou apenas pelo fato de estar ganhando bem com a música, ele queria mais, queria poder exercer sua arte da forma como sempre sonhou, o fato de ter que incorporar músicas que não gostava ao repertório lhe angustiava. Outro motivo para o desligamento de Graziani da banda foi o fato da incorporação de instrumentos mais elaborados no mundo da música, efeitos eletrônicos como a distorção, por exemplo, eram inviáveis de serem reproduzidos pela banda, pois não dispunham de tecnologia suficiente para acompanhar e seguir o ritmo e isso também o desestimulou, sendo assim, em 1969 viajou para o Rio de Janeiro seguindo a vontade do pai, ser sargento do exército, não por ambição de pertencer às forças armadas e sim como alternativa de sair da cidade medíocre que o sufocava. Graziani era um sujeito que estava à beira da falésia, embora pertencendo ao seu tempo encontrava-se sempre no limite, Picos não era o bastante para seu espírito transgressor, ele estava imerso em outra atmosfera, uma atmosfera cultural, acabou saindo do exército e indo estudar sociologia no Recife onde teve a oportunidade de inserir-se em um núcleo intelectual e se relacionar com outros sujeitos que compartilhavam das mesmas ideias e ideais.

Os Beatles de Picos continuaram apresentando-se com outra formação, aparentemente, o motivo para o término da banda foi o fato dos integrantes terem sido aprovados em concursos públicos e desistirem de viver apenas de música. Tendo como ponto de partida e referência Os Leões, logo surgiu outra banda de rock da cidade: Os Rebeldes.

⁷⁵ Idem.



Fotografia 19: Show d'Os Rebeldes no *Cine Spark*.
 Fonte: Acervo Pessoal de Cristina Varão.

A banda formada por Odorico Carvalho no vocal, Beto na bateria, Antônio Bineta na guitarra base, Floriano no baixo e Araújo na guitarra solo, fez muito sucesso durante toda a década de 1970 não só em Picos, como em todo o nordeste. A rebeldia da banda restringia-se ao nome e talvez à estética, não percebemos inserção no universo contracultural uma vez que o Odorico Carvalho estava vinculado à cultura no sentido comercial, não identificamos outras transgressões à ordem uma vez que o próprio líder da banda fazia parte da sociedade tradicional e estava ligado diretamente à grande mídia, pois era o responsável por organizar os shows de artistas de renome nacional e traze-los para se apresentarem no tradicional cinema da cidade.

Considerando o caminho trilhado até aqui, buscamos entender a inserção da juventude picoense nesse contexto cultural de transgressão e rebeldia que o rock estava impulsionando durante esse período no qual ocorreu o maior evento musical do planeta até então, o Festival de Woodstock ocorrido entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969, onde Jimi Hendrix contagiou mais de meio milhão de pessoas com seus solos de guitarra cantando as incertezas e sonhos da juventude e Janis Joplin que, com sua voz rouca, ecoava o *blues* vindo da alma e se firmava como ícone feminino desta geração. Nessa conjuntura cultural onde as maiores influências para nossos sujeitos foram, a nível internacional, os Beatles que despontavam como a maior banda de rock da história até então e os Rolling Stones que surgiam com um estilo mais agressivo e, a nível nacional, o movimento da Jovem Guarda buscamos explicitar as

mudanças comportamentais desde a estética até suas produções artísticas, por meio do diálogo com as fontes percebemos como essa efervescência atingiu diretamente a juventude envolvida com o cenário cultural e intelectual da cidade.

3.2 Um porre de cores no aguardo da *Era de Aquarius*

Estamos próximos do desembarque, nossa viagem ao passado está chegando ao fim. Após discorrer sobre como as produções artísticas estavam se articulando com os espaços de sociabilidades, sendo estes elitizados ou marginais, continuaremos analisando as práticas culturais dos jovens. Seguindo a esteira de pensar como os sujeitos atuavam no campo das artes, de buscar compreensão acerca de como se apropriavam das ideias em circulação no período dos anos sessenta do século XX e de como influenciavam na produção de arte da juventude picoense estabelecemos nosso último objeto de observação: o jornal *Picussuruba*.

O *Picussuruba* surgiu da vontade dos jovens de criticarem as correntes políticas existentes na cidade, esses jovens estavam em contato com as novas ideias que estavam florescendo e provocando agitações. A ideia de criar um jornal irreverente que criticasse as autoridades e ao mesmo tempo fosse um espaço para divulgação de arte surgiu por meio de Fernando Varão, irmão mais novo de José Domingos Varão, que estudava fora e nas férias retornava para Picos. Entramos em contato com Mundica Fontes, uma colaboradora do jornal na época, para melhor entendermos como se deu o processo criativo do *Picussuruba*:

O *Picussuruba* surgiu porque aqui existiam várias correntes políticas, então o jovem queria fazer um protesto, jovens que estudavam fora, estudavam na Bahia, em Brasília, Rio de Janeiro, esses jovens vinham pra cá com novas ideias e queriam fazer suas críticas e como tinha acesso a outros jornais, então eles resolveram criar esse jornalzinho irreverente, o *Picussuruba*⁷⁶.

O *Picussuruba* foi idealizado e composto pelo pessoal que estava em contato com as ideias contraculturais existentes no período, além do conteúdo publicado que remetia a todo um contexto de novos valores instituídos, como analisaremos mais adiante, era um jornal que estava pelas margens dos meio midiáticos, ele não era veiculado diretamente, não havia distribuição popular, o jornal era distribuído na madrugada, era jogado por debaixo da porta das casas das autoridades picoenses, fato que provocava certa agitação. Um dos pontos de encontro para esses jovens se reunirem e formularem as ideias que estampariam as páginas do jornal era a casa de Fernando e Brígida Varão, mesmo local onde anos antes Graziani se reunia com José Domingos Varão e demais amigos na calçada. O jornal tinha um formato

⁷⁶ MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

diferenciado, não seguia uma ordem lógica das páginas e era impresso na Bahia ou em Teresina, pois Picos não dispunha da tecnologia necessária para a impressão:

Eles levavam pra Bahia e lá eles conseguiam imprimir o jornalzinho, porque aqui não tinham máquinas. O *Picussuruba* ele era diferente, a maneira de dobrar, era de cabeça pra baixo, então ele era um jornal que você tinha que virar várias vezes, era uma diagramação diferente. Ele teve vida curta, porque a censura começou a dar em cima porque era um jornal proibido de ser veiculado nas escolas por causa de certas linguagens que tinha lá⁷⁷.

O próprio nome do jornal já dava o que falar, sendo assim, procuramos reunir o máximo de edições possíveis para analisarmos o conteúdo e compreendermos o que continha nessas publicações que foi passível de censura, porém restavam apenas duas edições já da década de 1980, encontramos matérias de cunho político, mas a grande maioria remete a poesias, cartas e a textos com um toque de misticismo e psicodelia claramente influenciados pela contracultura hippie das décadas de 1960-70 como veremos a seguir.

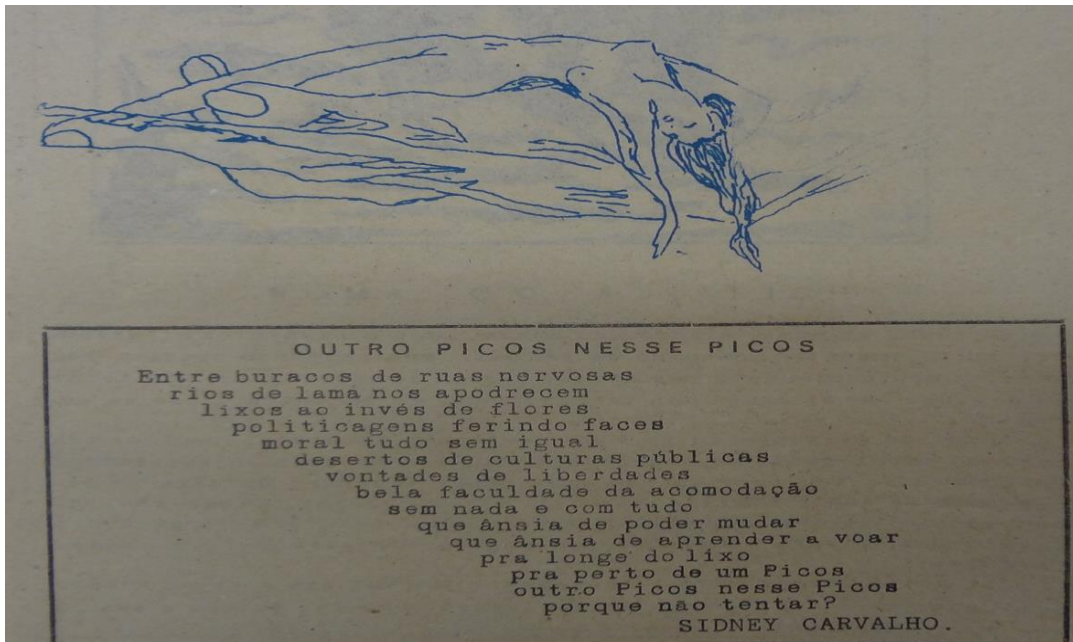


Fotografia 20: Jornal *Picussuruba* edição de 1988.
Fonte: Acervo Pessoal de Eveline Maria Bento Costa.

A imagem acima retrata uma edição do *Picussuruba* e notamos que de fato a diagramação difere das dos jornais tradicionais, percebemos que além dos textos o jornal continha gravuras, muitas delas eram produzidas por nossa entrevistada cujas contribuições remetiam a questões ecológicas: “eu representava a mãe natureza por meio de mulheres nuas, a natureza em forma de mulher, de flor, de planta...eu transformava numa mulher, aí eles achavam que era impróprio”⁷⁸ nos disse em depoimento que esse foi um dos motivos do jornal ser proibido de circular nas escolas, além da linguagem existiam esses desenhos representando a natureza como uma mulher desnuda.

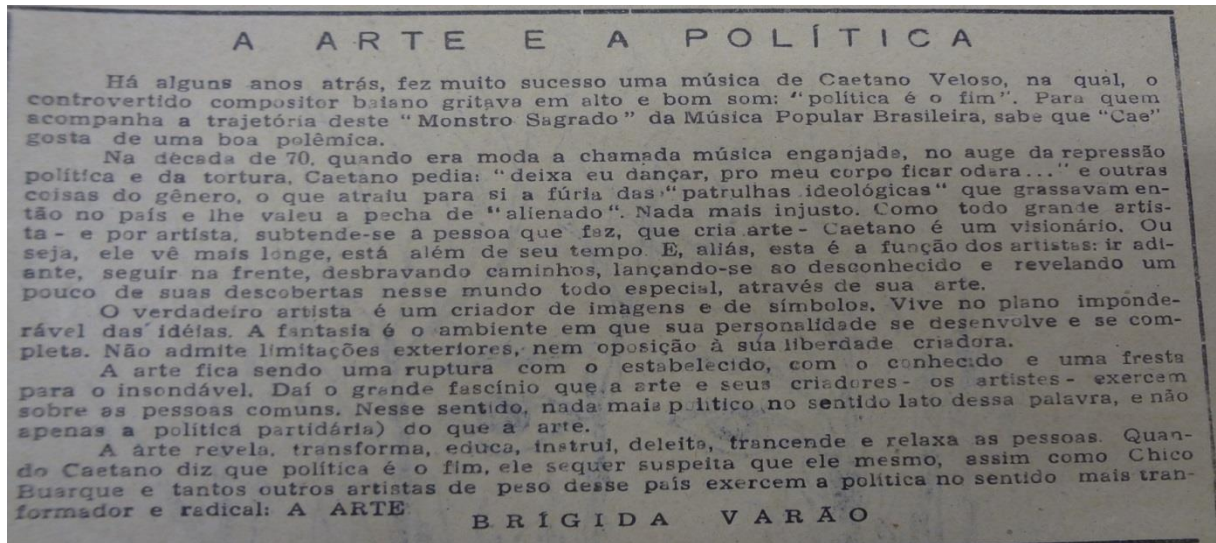
⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Idem.



Fotografia 21: Gravura de um morro representado por uma mulher nua.
 Fonte: Acervo Pessoal de Eveline Maria Bento Costa.

Contemplando a imagem acima vemos a figura de um morro representado por uma mulher nua deitada sobre a palma de uma mão, a sensibilidade da artista em retratar a mãe natureza de uma forma tão poética reflete sua inserção no sensível universo das artes desde criança, pois é proveniente de uma família repleta de poetas e escritores. Ainda na imagem vemos uma poesia de Sidney Carvalho criticando o descaso das autoridades com o meio ambiente na cidade. Brígida Varão nos presenteia com um texto reflexivo onde operacionaliza uma série de questões que permeavam a sua geração ao problematizar uma fala de Caetano Veloso da década de 1970 onde, polemicamente, afirma que “política é o fim”, a partir disso traça considerações sobre as formas de exercer política e nos diz que a forma mais transgressora e radical é através da arte que rompe com o estabelecido abrindo brechas para as melhorias sociais.

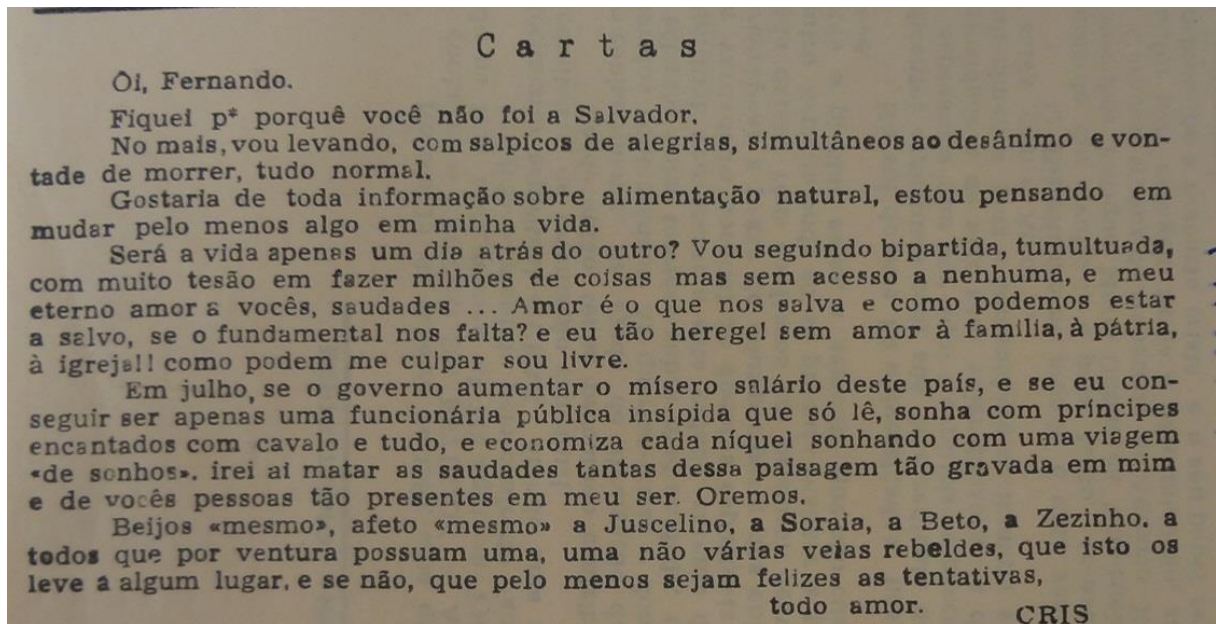


Fotografia 22: Artigo de Brígida Varão.
Fonte: Acervo Pessoal de Eveline Maria Bento Costa.

A ideologia *hippie* acreditava que seria na Era de Aquário que o mundo passaria por profundas transformações e viveria a época do amor, da paz e da harmonia, tudo ao contrário do que estavam vivenciando na Era de Peixes que estava sendo a Era do desamor e da discórdia, a Era de Aquário era o horizonte de expectativas⁷⁹ vislumbrado pela juventude da década de 70. Esses jovens que estavam vivenciando o espaço de experiências em Picos compartilhavam da mesma utopia e expressaram isso em uma publicação do *Picussuruba* intitulada "Aquarius – A Conspiração Fraterna" onde traziam que a Era de Aquarius seria a época da fraternidade. Caio Fernando Abreu em seu livro "Morangos Mofados"⁸⁰ de 1984, retrata numa série de contos sobre o cotidiano seu desabafo sobre o fracasso de seu horizonte de expectativas acerca dessa utopia vivenciada nas décadas de 1960-70 de que o mundo seria um lugar melhor no futuro, com um sentimentalismo lírico, contempla os vislumbres dessa geração no Brasil e nos remete ao mal estar da pós-modernidade, onde o sujeito pós-moderno vê seus sonhos fracassados e se acomete em niilismo.

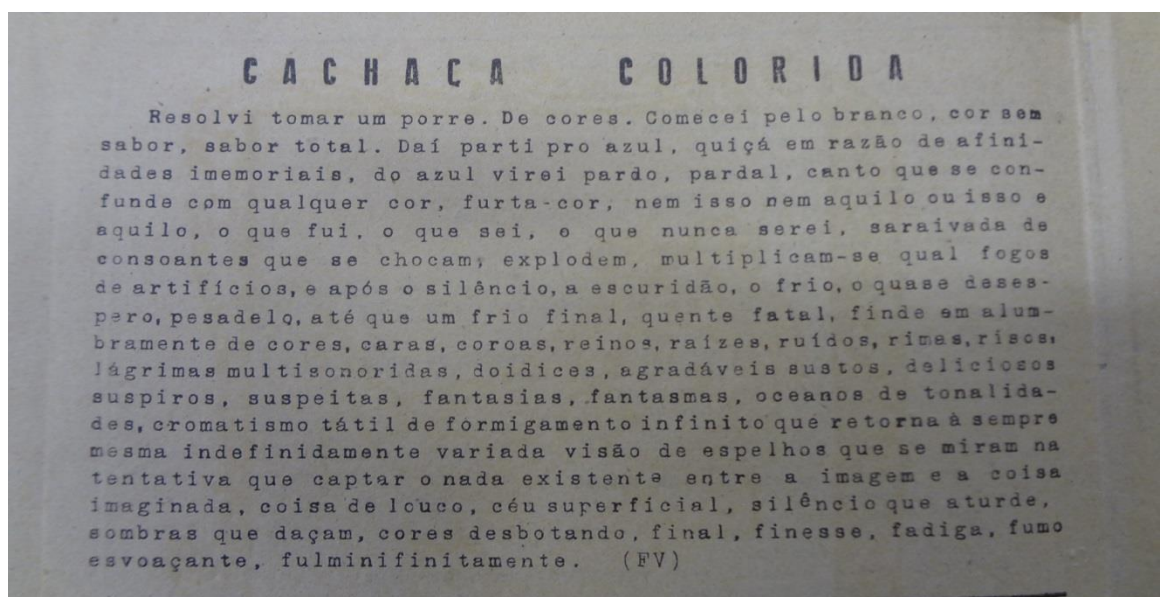
⁷⁹ KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit.

⁸⁰ ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. São Paulo: Brasiliense, 1984.



Fotografia 23: Carta publicada no *Picussuruba*.
 Fonte: Acervo Pessoal de Eveline Maria Bento Costa.

Analisando esta carta publicada em uma das edições do *Picussuruba* percebemos que os protagonistas da correspondência possuem relação afetiva, estão ligados por laços de amizade. Notamos um caráter niilista na mensagem de Cris redigida a Fernando, o pessimismo e vontade de morrer, as dúvidas e tensões próprias da condição pós-moderna na qual já estavam inseridos na década de 1980.



Fotografia 24: Artigo de Fernando Varão.
 Fonte: Acervo Pessoal de Eveline Maria Bento Costa.

A colorida explosão do movimento *hippie* embriagou Fernando Varão num porre de cores, percebemos a inspiração psicodélica na construção desse texto, interessante notar a assinatura abreviada, isso servia como uma tática para driblar as autoridades, porém, segundo nossa entrevistada, alguns dos jovens faziam críticas mais efetivas sobre questões políticas e sociais e assinavam o nome completo, este posicionamento gerava agitações e críticas por parte dos educadores e dos próprios pais que acabaram acionando a justiça que apreendeu as edições do *Picussuruba* e convocou Fernando Varão como um dos responsáveis para depor, após esse episódio o jornal deixaria de ser produzido e veiculado.

DESEMBARQUE: um último abraço na geração X

Nossa viagem chegou ao fim, ao longo do passeio flanamos pelos espaços de sociabilidades analisando as práticas do cotidiano, compreendendo a relação afetiva dos sujeitos com esses espaços, quais os sentimentos demonstrados com a chegada da modernidade na cidade e quais as continuidades e descontinuidades observadas na estrutura destes locais e na forma como a juventude os processava. Conhecemos uma geração que promoveu fugas identitárias e rompeu com as formas comportamentais da geração anterior, entre os reflexos dessa virada comportamental estava a estética. Mergulhamos num universo contracultural onde acompanhamos a trajetória da primeira banda de rock picoense, o ritmo rebelde que contagiou a cidade através da ousadia de um grupo de garotos que enfrentou os julgamentos de uma sociedade tradicional. Além disso, percebemos os resquícios do *boom* dessas ideias subversivas ainda presentes na década de 1980 com a veiculação do jornal marginal *Picussuruba*, utilizado para subverter a ordem e criticar as autoridades locais.

Uma das principais fontes historiográficas utilizadas foi a oralidade, através das memórias reproduzidas nas entrevistas entramos em contato com os sentimentos que emergem do âmago dos depoentes. Nos depoimentos de Mury Campos e Mundica Fontes o sentimento que veio à tona foi o saudosismo, uma visão romântica, um deslumbramento com a cidade que vivenciaram na sua juventude. Já no depoimento de Graziani Fonseca percebemos um grande ressentimento com a cidade, o horizonte de expectativas que havia projetado em sua mente para Picos jamais chegou a ser alcançado. A cidade aparecia análoga a um álbum de fotografias onde os anos se passavam e a mediocridade continuava estática, a explosão cultural tão almejada em sua mente pretensiosa jamais aconteceu e essa inalterabilidade transparece numa fala angustiada.

Nesta viagem estreitamos as discussões acerca da inserção de Picos no explosivo panorama das décadas de 1960-70, desenvolvemos análises em cima dos sujeitos e suas experiências cotidianas, objetivamos esboçar uma narrativa trabalhada em cima das subjetividades, das diversas formas de compreender o campo das vivências juvenis. Espero que tenham aproveitado o passeio, agora é hora da despedida, chegou o momento de dar um último abraço na geração X, aquela que se perpetuou como a mais transgressora da História. Um abraço traduzido não como um adeus, e sim como um até logo.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes:

a) Entrevistas

CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2013.

CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2014

FONSECA, Graziani. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2015.

MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira. Picos, 2011.

MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva, 2015.

b) Livro de Memórias

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2º ed. Recife: Ed. Nordeste, 1995.

c) Fontes Hemerográficas

JORNAL Picussuruba. [S.I.: s.n], 1988.

REVISTA FOCO. **Edição Comemorativa (111 anos de história)**. Picos: Folha de Picos, 2001, p. 16.

Referências:

a) Livros

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2º ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. Companhia das Letras: São Paulo, 1986.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX**. Teresina: EDUFPI, 2008.

_____. **Mulheres Plurais: A condição feminina na Primeira República**. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHANTAIGNER, Gilda. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: 134, 1992.

DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Sandra Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural do Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde:1960/1970**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KUNDERA, Milan. **A Festa da Insignificância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VENTURA, Zuenir. **1968- O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

b) Capítulos de Livros, Artigos e Revistas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **AS SOMBRAS DO TEMPO: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história**. In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). **História e Sensibilidade**. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

CARDOSO, Ciro; MAUAD, Ana Maria. **História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. In CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda nos anos 60/70: comportamento, aparência e estilo**. Revista do centro de artes, humanidades e letras. V.2, p. 35-44, 2008

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

SIRINELLI, Jean François. *A geração.* In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e História Cultural.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

c) Páginas da Internet

LEAL, Firmino Libório. **O Velho Cine Spark.** Portal FCS, Picos-PI, 12 mar. 2007. Disponível em: <http://www.portalfcs.com.br/home.php?c=nd&id=1542>. Acesso em: 18 mai. 2015.

Sinopse do filme **Viagem ao Planeta Proibido.** Disponível em: <http://cinespacemonster.blogspot.com.br/2010/05/angry-red-planet-1959.html>. Acesso em 17 de março de 2015.

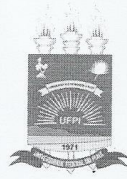
d) Monografias e Dissertações

BRITO, Fabio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina.** 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013.

FARIAS, Maria Luzia Almeida. **O Design de uma Geração: Jovem e moda na revista Cláudia nos anos 1960/70.** 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Anhembí Morumbi: São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro. **A geografia dos Desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960.** Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

SOUSA, Ceane Alves de. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos – PI no período de 1972 – 1983.** Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (x) Monografia
 () Artigo

Eu, Stefany Marquis de Barros Silva, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **FLANANDO PELOS LABIRINTOS DA SAUDADE: cotidiano, juventude e (contra) cultura em Picos nas décadas de 1960 – 1970** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de novembro de 2015.

Stefany Marquis de Barros Silva
Assinatura

Stefany Marquis de Barros Silva
Assinatura